

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

NASTASSIA SANTOS NEVES COUTINHO

**DE REPENTE, NÃO MAIS QUE DE REPENTE,
GRAMATICALIZANDO...**

VITÓRIA-ES

2016

NASTASSIA SANTOS NEVES COUTINHO

**DE REPENTE, NÃO MAIS QUE DE REPENTE,
GRAMATICALIZANDO...**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia Helena Peyroton da Rocha.

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva.

VITÓRIA-ES

2016

NASTASSIA SANTOS NEVES COUTINHO

**DE REPENTE, NÃO MAIS QUE DE REPENTE,
GRAMATICALIZANDO...**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística na área de concentração em Estudos Linguísticos.

Aprovada em de de 2016.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª. Drª. Lúcia Helena Peyroton da Rocha
Universidade Federal do Espírito Santo
(Orientadora e Presidente)

Profª. Drª. Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva
Universidade Federal do Rio de Janeiro
(Coorientadora)

Profª. Drª. Maria Jussara Abraçado de Almeida
Universidade Federal Fluminense
(Membro Externo)

Profª. Drª. Edenize Ponso Peres
Universidade Federal do Espírito Santo
(Membro Interno)

Profª. Drª. Leila Maria Tesch
Universidade Federal do Espírito Santo
(Suplente Interno)

*Em memória de meu lindo e saudoso avô
e à luz de minha vida, minha mãe.*

AGRADECIMENTOS

De modo especial, à Professora Doutora Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva, que me acompanha desde o início da pós-graduação, por suas aulas inspiradoras, pela dedicação, paciência e incentivo.

À Professora Doutora Lúcia Helena Peyroton da Rocha, por ter me acolhido em um momento decisivo do curso de mestrado e pela empolgação sempre presente diante de nossa investigação.

À Professora Doutora Carmelita Minélio da Silva Amorim, que me ajudou a dar os passos iniciais nas pesquisas linguísticas.

Às Professoras Doutoras Edenize Ponzo Peres e Leila Maria Tesch que aceitaram compor a banca de qualificação contribuindo enormemente com este trabalho.

À FAPES/CAPES pela bolsa concedida durante o curso de mestrado.

Aos meus amigos pela presença em minha vida, pelo apoio em todos os momentos, pela amizade mais que verdadeira e pela torcida sempre.

Ao meu irmão pelo apoio e companheirismo.

À minha sobrinha, linda, amor da minha vida, pela alegria que me traz.

À minha avó, pelo estímulo e busca pelo conhecimento dispensados involuntariamente.

À minha mãe, por ser meu exemplo e sempre estar do meu lado, pelo apoio e pelo incentivo nas minhas escolhas.

Ao meu amor, atencioso e paciente, pelo apoio, conforto, carinho e incentivo mesmo nas horas mais desesperadoras.

RESUMO

Com enfoque nos Modelos Baseados no Uso, o presente trabalho tem como objetivo fazer a análise quantitativa e qualitativa da locução “de repente” no português falado, a fim de averiguar se a polissemia dessa construção pode ser explicada em termos de gramaticalização. Alguns trabalhos, como o de Siqueira (2014) e o de Pontes e Peterson (2009), já mostraram que “de repente” assume diferentes funções semânticas, dentre elas: advérbio de tempo e modalizador epistêmico. Nossa hipótese é a de que esses usos podem ser dispostos em uma escala de abstratização, pois são graduais e unidirecionais, indo do [+ concreto] para [+ abstrato] ou de [- subjetivo] para [+ subjetivo], o que seria uma indicação de que esta locução estaria passando por um processo de gramaticalização. Para verificar essa hipótese, analisamos a amostra de dois *corpora* orais: Amostra PortVix – Português falado na cidade de Vitória (YACOVENCO et al., 2012) e Amostra Censo 2000 (PAIVA; DUARTE, 2003) do PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) – Rio de Janeiro. Por meio da utilização do método da Sociolinguística Variacionista, os dados são quantificados de forma a identificar as propriedades mais recorrentes de cada um dos significados da locução “de repente”. Nosso estudo em tempo aparente apresentou o valor de modalizador epistêmico como o mais produtivo, sendo que um aspecto que ressalta da análise é o de que esse valor ocorre, principalmente, em contextos em que “de repente” é empregado como elemento de reforço do valor de possibilidade, coocorrendo com outros elementos modalizadores. A influência do contexto na função exercida pela locução caracteriza-se como um processo de metonímia, por meio da subjetivização (TRAUGOTT, 2010), recurso utilizado a fim de apresentar um distanciamento do falante em relação ao estado de coisas descrito.

Palavras-chave: Modelos baseados no uso. Gramaticalização. De repente.

ABSTRACT

Focusing on Usage based models of language, the present study aims to analyze quantitatively and qualitatively the expression “de repente”, in Portuguese speech, in order to investigate if the polysemy of this use could be explained by grammaticalization. Some works, such as the ones done by Siqueira (2014) and by Pontes and Peterson (2009), have already shown that the expression “de repente” admits different semantic functions, including: adverb of time and epistemic modality. Our hypothesis is that these uses can be arranged on a scale of abstraction, they are gradual and unidirectional, from the most concrete to more abstract or less subjective to more subjective, what could be an indication that this expression is on trajectory of grammaticalization. To verify that hypothesis, we analyze the sample of two oral *corpora*: PortVix - Portuguese spoken in the city of Vitória (YACOVENCO, 2009; YACOVENCO et al, 2012.) and Sample Censo 2000 (PAIVA; DUARTE, 2003) of PEUL (Study Program on the Use of Language) – Rio de Janeiro. By using the Sociolinguistic method, the data is quantified to identify the most recurrent properties of each one of the meanings of the expression “de repente”. Our study in apparent time presented the epistemic value as the most productive one, and one aspect that stands out in the analysis is that this value occurs mainly in contexts where "de repente" is used as a reinforcing element of the value of possibility, competing with other modalizing elements. The influence of context on the function performed by the expression is characterized as a metonymy process, by means of subjectivity (TRAUGOTT, 2010), resource used to present distancing from the speaker in relation to the state of things described.

Keywords: Usage based models of language. Grammaticalization. De repente.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Significado de “repente” em dicionários.....	15
Quadro 2 – Classificação de “de repente” segundo as gramáticas.....	18
Quadro 3 – Tipos de processo a que “de repente” está associado na sentença.....	65
Quadro 4 – Posição de “de repente” na sentença.....	70
Quadro 5 – Presença ou ausência de elementos intervenientes entre a locução e o predicado.....	71
Quadro 6 – Presença ou ausência de elementos modalizadores.....	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição Amostra PortVix – Vitória.....	59
Tabela 2 – Distribuição Amostra Censo 2000 – Rio de Janeiro.....	59
Tabela 3 – Usos da forma “de repente”.....	85
Tabela 4 – Tipos de processos a que “de repente” está associado na sentença – Amostra PortVix – Vitória.....	93
Tabela 5 – Tipos de processos a que “de repente” está associado na sentença – Amostra Censo 2000 – Rio de Janeiro.....	93
Tabela 6 – Distribuição de “de repente” de acordo com valor semântico e o tempo e modo verbal da oração – Amostra PortVix – Vitória.....	97
Tabela 7 – Distribuição de “de repente” de acordo com valor semântico e o tempo e modo verbal da oração – Amostra Censo 2000 – Rio de Janeiro.....	97
Tabela 8 – Posição de “de repente” na sentença de acordo com o valor semântico – Amostra PortVix – Vitória	100
Tabela 9 – Posição de “de repente” na sentença de acordo com o valor semântico – Amostra Censo 2000 – Rio de Janeiro.....	100
Tabela 10 – Presença ou ausência de elementos modais de acordo com a função/valor semântico – Amostra PortVix – Vitória	103
Tabela 11 – Presença ou ausência de elementos modais de acordo com a função/valor semântico – Amostra Censo 2000 – Rio de Janeiro.....	103
Tabela 12 – Ocorrência de elementos intervenientes de acordo com a função da locução “de repente” – Amostra PortVix – Vitória.....	106
Tabela 13 – Ocorrência de elementos intervenientes de acordo com a função da locução “de repente” – Amostra Censo 2000 – Rio de Janeiro...	106
Tabela 14 – Distribuição das ocorrências de “de repente” por função de acordo com a faixa etária – Amostra PortVix – Vitória.....	108
Tabela 15 – Distribuição das ocorrências de “de repente” por função de acordo com a faixa etária – Amostra Censo 2000 – Rio de Janeiro.....	108
Tabela 16 – Os usos da locução “de repente” em função do gênero – Amostra PortVix – Vitória.....	109
Tabela 17 – Os usos da locução “de repente” em função do gênero –	

Amostra Censo 2000 – Rio de Janeiro.....	110
--	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
Capítulo 1 – A locução “de repente” na Língua Portuguesa.....	15
1.1 “De repente” em dicionários e gramáticas.....	15
1.2 Estudos sobre o uso de “de repente”.....	19
Capítulo 2 – Pressupostos teóricos.....	25
2.1 Modelos baseados no uso.....	25
2.2 Gramaticalização.....	31
2.3 Subjetividade e Intersubjetividade.....	39
2.4 O estudo da mudança em tempo aparente.....	43
2.5 Modalidade.....	48
Capítulo 3 – Amostras e Procedimentos Metodológicos.....	57
3.1 Sobre os corpora.....	57
3.2 Tratamento metodológico dos dados.....	60
3.2.1 Tipo de processo codificado na oração.....	65
3.2.2 Tempo e modo verbal.....	68
3.2.3 Posição da locução “de repente” na sentença.....	69
3.2.4 Elementos intervenientes entre a locução e o predicado.....	71
3.2.5 Ocorrências de marcas de modalização.....	72
3.2.6 Faixa etária do falante.....	74
3.2.7 Gênero.....	74
Capítulo 4 – Análise dos dados.....	77
4.1 Função semântica da locução em estudo.....	77
4.2 Tipo de processo codificado na oração.....	89
4.3 Tempo e modo verbal.....	94
4.4 Posição da locução “de repente” na sentença.....	98
4.5 Elementos intervenientes entre a locução e o predicado.....	102
4.6 Ocorrências de marcas de modalização.....	104
4.7 Faixa etária do falante.....	107
4.8 Gênero.....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116

INTRODUÇÃO

As línguas são mutáveis, pois estão em constante movimento de mudança, com isso há tanto o desaparecimento de formas quanto o surgimento de novas formas e alterações nos significados/funções de outras. Um fato decorrente deste dinamismo é a frequente existência de itens e expressões que admitem diferentes interpretações.

Um exemplo é a locução “de repente”, que, como já mostraram alguns estudos (PONTES; PETERSON, 2009; SIQUEIRA, 2014), pode ser empregada com vários significados, alguns deles não previstos nas descrições gramaticais. Além das acepções consignadas nas gramáticas – por exemplo, as funções de advérbio de tempo e de advérbio de modo – percebemos que podem ser verificadas outras funções, a partir do contexto em que o “de repente” está inserido, como o valor de modalizador epistêmico e de marcador discursivo. A hipótese, decorrente da teoria funcionalista, é a de que esses usos podem ser dispostos em uma escala de abstratização, pois refletem uma mudança gradual e unidirecional, o que configura uma mudança que não é abrupta, mas que segue níveis de abstração que se encaminham numa única direção, indo do [+ concreto] para [+ abstrato] ou de [- subjetivo] para [+ subjetivo]. Tal escala indicaria que a locução “de repente” estaria passando por um processo de gramaticalização. Para verificar esta hipótese, analisamos duas amostras de fala monitorada¹: A amostra PortVix – Português falado na cidade de Vitória (YACOVENCO et al., 2012) e a Amostra Censo 2000 (PAIVA; DUARTE, 2003), de falantes da cidade do Rio de Janeiro, organizada pelos pesquisadores do grupo PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua).

Por meio de um estudo de mudança em tempo aparente, buscamos apresentar aspectos da trajetória de gramaticalização da locução “de

¹ “...este é o tipo de fala que normalmente ocorre quando a pessoa está respondendo perguntas que são formalmente reconhecidas como parte da entrevista.” (LABOV, 2008, p.102)

repente”, caracterizada pela perda de algumas de suas características como advérbio de tempo para se tornar um advérbio de modalização. Como partimos do princípio de que as mudanças ocorrem na língua oral, analisamos amostras de fala, a fim de entender o uso como criador do sistema linguístico, pensando na interação como base para a criatividade do falante na busca por novas formas de comunicação, que surgiriam a partir de processos como o da gramaticalização.

A gramaticalização é um processo que envolve tanto a passagem de um item lexical para um item gramatical, quanto de itens menos gramaticais para mais gramaticais. Neste estudo, adotamos princípios e pressupostos teóricos dos estudos de gramaticalização que procuram explicar por que e como as categorias gramaticais surgem e se desenvolvem.² Pretendemos compreender a possível ampliação do sentido da locução “de repente”, tradicionalmente incluída na classe dos advérbios de tempo e identificar quais mecanismos estarão presentes e que irão auxiliar nesse processo de gramaticalização. Esperamos, assim, contribuir com discussões teóricas que propõem uma abordagem da gramaticalização para a análise de fenômenos de mudança linguística. Além disso, procuramos verificar, em que medida, uma distribuição diferenciada dos usos de “de repente” traz evidências para uma mudança em progresso nas duas comunidades.

O objetivo deste trabalho está em identificar os condicionamentos envolvidos no processo de mudança por gramaticalização da locução “de repente” e a sua relação com o processo de (inter)subjetivização (TRAUGOTT, 2010), focalizando a mudança semântica por abstratização.

Para que os objetivos sejam alcançados comparamos as ocorrências das sentenças em que a construção se encontra, a fim de descrever as alternativas de sentido da locução em contextos de uso e identificar em que medida o contexto contribui para a emergência dos sentidos de tempo, modo

² PAIVA, Maria Conceição de – Notas de aula da disciplina “Tópicos em estudos analítico-descritivos da linguagem” – ES: UFES/, 2015.

e possibilidade. Para isso, procuramos explicitar os mecanismos envolvidos no processo de mudança por gramaticalização, pelo qual “de repente” está passando; observar os tipos de processos a que “de repente” estaria ligado nas sentenças, por meio da teoria da transitividade de Halliday e Matthiessen (2004), a fim de verificar se haveria um contexto mais fortemente associado a um determinado uso da expressão; averiguar a distribuição de “de repente” de acordo com o valor semântico e o tempo e modo verbal da oração; analisar como se dá sua ocorrência (posição) na sentença; investigar se a presença de elementos intervenientes (interposição de material linguístico) posicionados entre o “de repente” e o estado de coisas com que ele está relacionado, influenciaria no seu uso; averiguar se a presença ou a ausência de elementos de modalização em relação à sua ocorrência juntamente com a de “de repente” na sentença seria um contexto influenciador da sua função como modalizador; investigar se há relação da trajetória de gramaticalização do elemento “de repente” com a função da faixa etária na mudança e investigar a variável gênero, a fim de identificar se há comprovação da tendência de que as mulheres utilizariam as formas mais conservadoras, enquanto os homens as formas mais inovadoras.

Iniciamos este estudo apresentando uma revisão bibliográfica da locução objeto deste estudo, focalizando as referências a ela encontradas em gramáticas e dicionários de língua portuguesa de várias naturezas (etimológico, enciclopédico, de uso) e revisando trabalhos anteriores acerca da polissemia de “de repente”.

Avançamos discutindo pressupostos dos modelos baseados no uso, que vão se preocupar com a relação entre as estruturas linguísticas e seus contextos de uso, os quais são fundamentados em “eventos de uso”. Em outros termos, esses modelos vão se importar com o contexto textual em que as estruturas linguísticas ocorrem e o contexto situacional em que o falante está inserido, pressupondo que eles motivam as estruturas da língua. O capítulo seguinte descreve aquilo que se entende por gramaticalização, como um processo de mudança, moldado pelo uso.

A seguir, focalizamos mais especificamente a questão da mudança semântica com base principalmente em Traugott (2010). Buscamos, nessa seção, destacar a importância do processo de (inter)subjetivização, considerando a relevância do ponto de vista do falante em relação ao que está sendo dito, ou seja, a expressão das suas crenças e atitudes e a importância da atenção do falante ao se manifestar em relação ao destinatário, criando entre eles uma relação de negociação.

Seguimos com uma breve discussão de alguns pressupostos da Sociolinguística Variacionista, a fim de delimitar os aspectos relevantes para o estudo dos processos de gramaticalização. Prosseguimos com a questão da modalidade, com o objetivo de discutir mais profundamente a modalidade epistêmica, que, segundo a hipótese central deste estudo constitui o ponto de maior abstração no uso da locução “de repente”.

Posteriormente, descrevemos as duas amostras utilizadas para análise da locução e apresentamos as funções a ela atribuídas, dando continuidade com a análise dos *corpora* e os resultados alcançados. Por último, as considerações finais, não como uma conclusão, mas como constatação dos limites de um estudo da mudança em tempo aparente³.

³ O ideal seria um estudo em tempo real de longa duração, no entanto, diversos estudos vêm mostrando a validade dos estudos de mudança em tempo aparente, principalmente para a análise de processos de mudança mais recentes, desta forma, como iniciamos o estudo com a Amostra PortVix, abrangendo para a Amostra Censo 2000 tardiamente, não houve tempo hábil para uma análise em tempo real. (cf. LABOV, 1994; PAIVA; DUARTE, 2003)

Capítulo 1

A locução "de repente" na língua portuguesa

Neste capítulo, discutimos a definição da locução⁴ “de repente” segundo alguns estudiosos da língua portuguesa, apresentando os sentidos comumente atribuídos a ela, buscando seus significados em dicionários e gramáticas da língua portuguesa. Assim, averiguamos as acepções encontradas relacionando-as aos usos encontrados em nossa análise. Além disso, apresentamos resultados de estudos anteriores sobre o “de repente”.

1.1 “De repente” em dicionários e gramáticas

Nesta seção, apresentamos o resultado de uma revisão acerca do tratamento dado à locução “de repente” em gramáticas e dicionários da língua portuguesa, a fim de identificar o sentido e a função prototipicamente associados ao fenômeno em análise. Nosso interesse central é verificar em que medida os usos mais recentes desta locução já são incorporados nas explicações sobre ela. Foram revisitadas as seguintes gramáticas: Said Ali (1964), Cegalla (1995), Neves (2000), Mira Mateus et al. (2003), Carvalho (2007), Cunha e Cintra (2008), Pasquale e Infante (2008), Bechara (2009), Castilho (2010), Bagno (2011), Azeredo (2012), Haury (2013). Também examinamos as definições encontradas em dicionários, tais como o de Nascentes (1980[1972]), Barsa (1981), Borba (2001), Houaiss (2004), Ferreira (2008), Cunha (2010).

Buscamos as definições encontradas nos dicionários publicados entre os

⁴ Optamos por nos referir ao termo “de repente” como uma locução e não uma expressão, uma vez que expressão é um termo mais geral que abarca não apenas grupos de palavras como uma única palavra, já locução apresenta um sentido mais específico em que um grupo de palavras juntas funciona como um só vocábulo, não apresentando o mesmo sentido ao separar as palavras do grupo. Santos (1990) adota locução como uma “expressão fixa”.

anos 1980 a 2010 acerca da locução “de repente”, já que estes pretendem registrar os itens da língua contemporânea. A primeira constatação é a de que nem todos os dicionários consignam a entrada da locução “de repente”, no dicionário de Usos do Português contemporâneo do Brasil de Borba (2001), por exemplo, essa locução está registrada como núcleo de construção adverbial [de + repente]. A maioria das obras consultadas apresentou “de repente” como exemplo da descrição do substantivo “repente”.

Como mostra o quadro 1, a definição apresentada para o item lexical “repente” é bastante semelhante nos diferentes dicionários: “repente” é entendido como “ímpeto”, “impulso ou algo repentino”, “improvisado” ou “de súbito”, correspondendo a uma das acepções encontradas nas amostras de dados desta pesquisa, do advérbio de tempo. Em muitos casos, encontramos associados a essa definição termos como “subitamente”, “repentinamente” ou “o modo inesperado como algo acontece”, os quais remeteriam mais diretamente ao uso da locução como advérbio de modo (NASCENTES, 1980[1972]; BARSA, 1981; BORBA, 2001; HOUAISS, 2004; FERREIRA, 2008; CUNHA, 2010).

Concluimos que essas duas funções são, provavelmente, mais antigas, visto que Siqueira (2014), em seu estudo diacrônico, encontrou, além dos valores da locução como circunstanciadores, outros valores semânticos em amostras de fala a partir do século XX, como especificado na seção 1.2.

Obras consultadas	Significado
Nascentes (1980[1972])	Ação, dito repentino e impensado; manifestação natural e instintiva, movimento reflexo que obedece a um sentimento natural e não a cálculos e conveniências. De repente: num momento, subitamente. (Do lat.: repente = de súbito)

Barsa (1981)	1.Dito ou ato repentino ou irrefletido. 2. Qualquer improviso. De repente: de súbito; imprevistamente; repentinamente.
Borba (2001)	REPENTE [Abstrato de estado] ímpeto; impulso: Foi quando tive um estalo, um repente muito próprio de minha natureza (CL ⁵); Os repentes até lhe acentuam melhor a psicologia (VN ⁶) [Concreto] 2 canto, dito ou versos feitos de improviso: Seu Alexandre não se entregava às libações, (...) e nem mesmo cantava repentes (ETR ⁷); o senador Ronaldo Cunha Lima é entusiasta dos repentes (versos de improviso) nordestinos (FSP ⁸) [Núcleo de construção adverbial] [de+@⁹] 3 de modo súbito; repentinamente: De repente, paramos de falar (A ¹⁰); começou a ser meu amigo de repente (AC ¹¹)
Houaiss (2004)	1.atto ou dito sem reflexão; ímpeto 2. Verso ou canto improvisado em desafio (faz belos r.) De repente. Locução adverbial. Subitamente (chegou de repente) ~ repentista adj.
Ferreira (2008)	1.Dito ou ato repentino ou irrefletido; ímpeto. 2. Qualquer improviso. (2) De repente: Sem ser esperado; de modo muito rápido e surpreendente; impossível de prever; de chofre, de súbito.
Cunha (2010)	‘Ímpeto, impulso’ XVI. Do lat. Repens-entis repentino XVI. Do lat. Repentinus repentista 1858.

Quadro 1: significado de "repente" em dicionários.

Um levantamento nas gramáticas relacionadas abaixo mostra que nem todas se referem à locução “de repente” e aquelas que o fazem enfatizam apenas sua função sintática, como sintagma adverbial, seja de tempo, seja de modo, como mostra o quadro 2.

⁵ *O coronel e o lobisomem*. CARVALHO, J. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994. (BORBA, 2001)

⁶ *A viagem noturna*. TEIXEIRA, M.L. São Paulo, Martins, 1965. (BORBA, 2001)

⁷ *Estrela solitária*. CASTRO, R. São Paulo, Cia das Letras, 1995. (BORBA, 2001)

⁸ *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1.1.1979; CD-Rom 1994/95. (BORBA, 2001)

⁹ BORBA (2001) utiliza este símbolo para o preenchimento do elemento: de + repente.

¹⁰ *Ângela ou as areias do mundo*. FARIA, O. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963. (BORBA, 2001)

¹¹ *Auto da compadecida*. SUASSUNA, A. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963. (BORBA, 2001)

Obras consultadas	Classificação
Said Ali (1964, p.184)	Locução adverbial
Cegalla (1995, p. 245)	Locução adverbial
Neves (2000, p. 244)	Locução adverbial de modo
Mira Mateus et al. (2003)	Não citam a locução
Carvalho (2007)	Não cita a locução
Cunha e Cintra (2008)	Não citam a locução
Pasquale e Infante (2008, p.266)	Locução adverbial de tempo
Bechara (2009)	Não cita a locução
Castilho (2010, p.563)	Advérbio Predicativo Aspectualizador
Bagno (2011)	Não cita a locução
Azeredo (2012, p.194)	Locução adverbial
Hauy (2013, p. 973)	Locução adverbial

Quadro 2: Classificação de "de repente" segundo as gramáticas.

A classificação de “de repente” como advérbio coloca alguns problemas que envolvem a própria definição/caracterização desta classe, nem sempre consensual. A maioria das gramáticas já aponta para a complexidade no estudo destes elementos que operam tanto como determinantes ou modificadores de outros constituintes da palavra, da predicação ou da própria proposição. Bechara (2009, p.288), por exemplo, define o advérbio como “a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial”. Neves (2000), por outro lado, alerta que a conceituação de advérbio pode ser feita sob diversas perspectivas, de acordo com o critério que se considera: do ponto de vista morfológico, advérbio é uma categoria de palavra invariável, apesar de, em alguns casos apresentarem flexão de gênero e número; do ponto de vista sintático, advérbio é visto como “uma palavra periférica, isto é, ele funciona como

satélite de um núcleo.” (p.234). Além disso, a autora ressalva que nem todos os advérbios possuem função modificadora. Assim, se um advérbio de modo modifica efetivamente o estado de coisas, ligando-se, geralmente, ao verbo, advérbios de tempo ou de lugar, por exemplo, servem mais para situar coordenadas temporais e locativas do estado de coisas descrito na oração. É tal situação que leva diversos autores a distinguirem três grandes classes de advérbios: os predicativos, os de verificação e os dêiticos (cf. NEVES, 2000; CASTILHO, 2010), podendo cada uma delas incluir diferentes subclasses, com base em diferenças semânticas, sintáticas e discursivas. Embora distinga uma classe de advérbios modalizadores, Neves (2000) não faz referência à locução “de repente” com esta função. Por outro lado, Castilho (2010), inclui a locução “de repente” entre os advérbios predicativos que ele denomina de aspectualizadores perfectivos, associando, portanto essa locução muito mais ao valor aspectual do que ao valor de modalização.

Na seção seguinte, mostramos que o uso de “de repente” como modalizador epistêmico já despertou o interesse de outros autores, ainda que não contemos com um grande número de estudos a respeito desta locução.

1.2 Estudos sobre o uso de “de repente”

Nesta seção, focalizaremos trabalhos já realizados sobre o fenômeno em estudo. Na pesquisa que realizamos sobre estudos referentes à locução “de repente”, encontramos o artigo de Pontes e Peterson (2009) que tratam do processo de gramaticalização desta locução em *corpora* orais e escritos em uma abordagem sincrônica e a tese de doutorado de Siqueira (2014), a qual faz um estudo pancrônico também em *corpora* orais e escritos da locução “de repente”.

O trabalho de Pontes e Peterson (2009) se baseou em quatro *corpora* orais e escritos das cidades do Rio Grande, Juiz de Fora, Rio de Janeiro e Natal que

integram o banco de dados do Grupo Discurso & Gramática, intitulado Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita. As autoras mostram a predominância da locução “de repente” na modalidade oral, e sua frequência mais alta em narrativas de experiência pessoal nas duas modalidades. Essa distribuição sugere que a locução “de repente” está mais associada a um estilo de fala menos monitorado, mais próximo do vernáculo.

Nas amostras examinadas, as autoras encontraram a locução “de repente” com o sentido de tempo, de dúvida e de marcador discursivo. Observaram, no entanto, maior recorrência da locução com valor temporal, sendo 52 ocorrências do total de 81, seguido do valor de dúvida, com 25 ocorrências, um número significativo, apesar de menor e apenas 4 ocorrências com função de marcador discursivo.

As autoras analisam dois aspectos associados ao uso de “de repente”: a posição da locução na oração e as propriedades modo-temporais do verbo ao qual se liga a construção. Quanto à posição, as autoras separaram as ocorrências verificadas antes e depois do verbo e concluem que a presença do sintagma preposicional após o verbo foi pouco significativa, sendo a posição anterior ao verbo a mais frequente.

Um ponto a ressaltar no estudo realizado pelas autoras é a correlação mais geral de “de repente” com verbos no presente do indicativo. Mostram, no entanto, que o valor modal de dúvida é o predominante em todos os casos de formas verbais no modo subjuntivo.

O estudo de Siqueira (2014), associa uma análise diacrônica a uma análise sincrônica dos usos de “de repente”, o que lhe permite mostrar que a gramaticalização da locução no português brasileiro é mais recente. A autora pesquisou os dados históricos, dos séculos XIII, XIV e XV, nos textos extraídos do *site Corpus Informatizado do Português Medieval*¹² e, do século

¹² www.cipm.fcsh.unl.pt/corpus/index.jsp

VXI ao século XIX, do *site Corpus do Português*¹³. Os dados de língua falada, do século XX, foram retirados da Amostra Censo 1980 e, os do século XXI, do programa de entrevistas do Jô Soares¹⁴. Considerando textos dos diferentes estágios do português, a autora constata a inexistência de “de repente” no período arcaico ou medieval (séc. XIII a XV). As primeiras ocorrências da locução foram encontradas no século XVI.

No seu estudo, Siqueira (op. Cit) considera três funções da locução “de repente”: circunstanciador, marcador discursivo e modalizador epistêmico. A autora separa também os casos ambíguos que permitem mais de uma interpretação, sendo definidos como ambíguo 1 – o qual admitia sentido de modalizador e circunstanciador – e ambíguo 2 – o qual admitia o valor de marcador discursivo e modalizador.

A autora enfatiza a importância de mecanismos como a analogia, a frequência de uso e a reanálise no processo de mudança semântica por gramaticalização da locução “de repente”, sendo a reanálise relacionada à subjetivação, na forma como discutimos no seção 2.3.

A análise diacrônica permite mostrar uma trajetória bastante clara no sentido de que o uso de “de repente” como modalizador epistêmico é mais tardio. Nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX “de repente” foi encontrado apenas como circunstanciador. No século XX, a locução parece ser recrutada para novos usos e são encontrados novos significados para esta forma, sendo que o valor como modalizador epistêmico torna-se o de maior ocorrência.

Nos casos em que a locução aparece como modalizador, Siqueira (2014) distingue o uso de “de repente” como uma pressuposição sobre eventos futuros ou como um sinalizador de considerações pouco embasadas, em que há insegurança acerca do que é dito, um uso mais próximo do que se entende por modalizador epistêmico. No século XX, a maior parte das

¹³ www.corpusdoportuguês.org

¹⁴ www.globo.tv.globo.com/rede-globo/programa-do-jo/t/videos

ocorrências de “de repente” é como modalizador que sinaliza a introdução de informações pouco embasadas. No entanto, as ocorrências como pressuposições acerca de evento futuro tem um número de casos significativo. No século XXI, surpreendentemente, volta a se destacar o uso de “de repente” como circunstanciador. A autora atribui esta tendência aparentemente contraditória às diferenças nos tipos textuais mais recorrentes nos textos da amostra de cada período; segundo ela:

Tal resultado em nossa pesquisa, não se configura, contudo, como uma discrepância, uma vez que, dada a diferença entre os *corpora* (mesmo sendo ambos compostos de entrevistas), notamos que no *corpus* Amostra Censo, referente ao século XX, a maioria das sequências tipológicas era argumentativa (60%) (o falante era constantemente convidado a expor seu ponto-de-vista acerca de determinado assunto). (SIQUEIRA, 2014, p.119)

Nas considerações da autora o que aparece é a importância do tipo de sequência tipológica na distribuição dos dados. Para a análise desta variável nos dados de escrita, a autora considera as seguintes sequências: descritiva; narrativa; explicativa; argumentativa ou injuntiva. A autora admite que um gênero pode se caracterizar pela predominância de um determinado tipo de sequência, mas ressalva que:

(...) os gêneros textuais, embora possuam sequências predominantes, são atravessados por diferentes sequências tipológicas. Assim, num conto, por exemplo, embora apareçam com mais frequência sequências de base narrativa, também é possível encontrarmos sequências injuntivas, descritivas, explicativas ou argumentativas. (SIQUEIRA, 2014, p.)

O tipo de sequência textual apresenta correlações bastante distintas ao longo do tempo. No século XVI, por ser representado por um *corpus* composto de textos de gêneros favoráveis às sequências narrativas, não permite maior conclusão. No entanto, os textos dos séculos XVII, XVIII, XIX diversificados quanto ao gênero textual, mostram maior recorrência da locução nas sequências narrativas. Já no século XX, representado pelo *corpus* oral da Amostra Censo, a sequência que predomina é a argumentativa o que a autora atribui ao fato de se tratar do gênero entrevistas, em que o falante/escritor é convidado a apresentar seu ponto de vista sobre diversos

assuntos. No século XXI, apesar de a amostra também ser de fala, a maior quantidade de ocorrências é encontrada em sequências narrativas, o que a autora conclui que pode ser decorrência do fato de os dados serem retirados de um programa de entrevistas, em que o falante costuma narrar experiências pessoais.

Ao relacionar as sequências tipológicas às funções exercidas pela locução, a autora percebeu que as sequências argumentativas propiciam o aparecimento de “de repente” como modalizador epistêmico, visto que o falante expressa o seu ponto de vista, enquanto as sequências narrativas facilitam a presença do termo como circunstanciador, devido ao fato de as narrativas apresentarem um desenrolar de fatos que os circunstanciadores ajudam a enriquecer.

Um outro aspecto relevante apontado por Siqueira (2014) envolve a relação entre a posição da locução e sua função discursiva. A locução “de repente” foi encontrada em quatro posições diferentes: iniciando a sentença; fechando a sentença; entre o sujeito e o verbo e entre o verbo e o objeto. No entanto, a autora constata nítidas mudanças na tendência da locução “de repente” ao longo do tempo. No século XVI, a posição entre o verbo e o objeto é a de maior índice, seguida de uma alta ocorrência de “de repente” na posição inicial. No século seguinte, XVII, há predominância da locução nas posições localizadas nos extremos da sentença, iniciando e fechando a sentença. No século XVIII, “de repente” ocorre preferencialmente na posição entre o sujeito e o verbo. No século XIX, a preferência pela posição no início da sentença aumenta consideravelmente, enquanto a posição entre verbo e objeto diminui. Nos séculos XX e XXI, a preferência pela posição inicial se mantém e não há mais ocorrência da locução entre o verbo e o objeto.

A conclusão a que Siqueira (2014) chegou foi de que a polissemia de “de repente” se inicia no século XX, já que, nos séculos anteriores, a locução manifestava-se apenas como circunstanciador. Derivam desta função outras mais abstratas, como a de modalizador epistêmico, ou seja, o uso de “de

repente” para sinalizar distanciamento sobre o que é dito, situando a informação como uma possibilidade, e a função de marcador discursivo, em que “de repente” atua na organização do discurso. Com menor ocorrência, mas presente nas amostras, foram encontrados casos com funções ambíguas, que veiculavam mais de uma interpretação possível, seja como circunstanciador e modalizador seja como marcador e modalizador.

Este é um estudo de mudança em tempo aparente em duas comunidades de fala. Aceitamos, como já colocado na seção 2.4, que movimentos de mudança podem ser identificados em qualquer estado de língua e que para identifica-los é necessário considerar, como já dissemos no capítulo anterior, os fatores sociais. Assim, dado o interesse na mudança em tempo aparente, procuramos verificar também o funcionamento da locução “de repente” de acordo com variáveis como faixa etária e gênero.

Capítulo 2

Pressupostos Teóricos

2.1 Modelos Baseados no Uso¹⁵

Nesta seção, discutiremos alguns pressupostos dos Modelos Baseados no Uso, que concebem a estrutura da língua como resultado do uso. A partir do fundamento de que a fala antecede a escrita e sendo o discurso formador das estruturas da língua, as quais sofrem alterações, a partir das regularidades estabelecidas na gramática, os Modelos baseados no Uso investigam a relação entre a estrutura da língua e o ato comunicativo, levando em conta a criatividade do falante para explorar formas que já existem com novos significados. À medida em que tais formas se tornam mais gerais, são incluídas na estrutura da língua, sendo estabelecidas na gramática.

Neste sentido, os modelos baseados no uso englobam, como lembram Kemmer e Barlow (1999), várias formas de estudo do uso da língua, incluindo diferentes abordagens funcionalistas (Cf. CROFT, 1995, 2000). Um ponto de conexão comum entre estes modelos é a contestação da autonomia da sintaxe, ou mesmo da gramática, entendendo que o uso não pode ser ignorado se queremos entender a estrutura das línguas. O uso sempre levará em conta muitos aspectos: o falante, o ouvinte e todo o ambiente envolvido na interação. Os modelos baseados no uso vêm então para desconstruir a ideia de que existe uma separação entre sistema linguístico e linguagem em uso, pois os dois devem ser vistos como parte um do outro.

¹⁵ Utilizamos a denominação Modelos Baseados no Uso para nos referirmos à Linguística Centrada no Uso (Usage Based Linguistics), desenvolvida a partir do funcionalismo norte-americano, o qual engloba autores da Linguística Funcional e da Linguística cognitiva, como Talmy Givon, Paul Hopper, Joan Bybee, Elizabeth Traugott, Ronald Langacker, Adele Goldberg. (SOUZA, 2012).

A visão dos modelos baseados no uso é a de que a linguagem é um instrumento de comunicação que envolve propósitos comunicativos e reflete aspectos dos contextos conversacionais, ou seja, maior destaque é dado à língua como meio de comunicação humana em contextos sociais. (cf. BUTLER, 2003) Trata-se, portanto, de uma perspectiva funcional que, na opinião de Kemmer e Barlow (1999), deve dar conta dos fatores cognitivos, socioculturais, psicológicos e diacrônicos que influenciam a forma das línguas humanas. Diferentemente do que é assumido por modelos formais, os modelos funcionais baseados no uso, embora reconheçam a importância da sintaxe como um meio de organização dos padrões regulares do sistema linguístico, não a desvinculam da semântica e da pragmática que consideram componentes centrais do sistema linguístico.

Do pressuposto central de interrelação entre estrutura e uso, decorrem vários outros. O primeiro deles é o de que há íntima relação entre estruturas linguísticas e cada uma das instâncias de uso da língua. Como lembram os autores (op. Cit), uso da língua que envolve tanto a produção como a compreensão. Portanto, um modelo baseado no uso é aquele em que o sistema linguístico do falante é fundamentado não só nos exemplos de produção pelo falante como também na sua compreensão/interpretação dos enunciados a que está exposto. É a partir destas instâncias concretas que o sistema linguístico é construído.

De acordo com este pressuposto, a relação entre as representações mais abstratas presentes na gramática do falante e os eventos de uso por ele experienciados é muito mais direta do que geralmente se supõe. Kemmer e Barlow (1999, p.9) declaram que “o sistema linguístico é construído de instâncias lexicais específicas e só gradualmente representações mais gerais são abstraídas.”¹⁶ Dessa forma, a experiência de mundo dos indivíduos tem relação com a forma como eles fazem uso da língua.

¹⁶ “The linguistic system is built up from such lexically specific instances, only gradually abstracting more general representations...” (KEMMER; BARLOW, 1999, p.9)

Um dos mecanismos centrais na relação entre estrutura e uso é a frequência. A alta frequência de uso de uma unidade linguística é essencial para o seu estabelecimento na gramática. (cf., por exemplo, BYBEE, 2010; PHILLIPS, 1999; CEZÁRIO; FURTADO DA CUNHA, 2013) Portanto, como defende Bybee (2010), a frequência de algumas formas é um fator primordial para estruturação e operação da língua, uma vez que as formas linguísticas alteram à medida que são frequentemente utilizadas, mudando seu significado e sua forma.

Segundo Bybee (2010, p.20), as palavras que são usadas mais frequentemente passam por alterações em um ritmo mais rápido. A alta frequência de uma construção conduz à sua autonomia, dessa forma, elementos que ocorrem frequentemente juntos, acabam formando uma unidade. Os componentes da construção enfraquecem ou perdem sua relação com outras instâncias do mesmo item. Ocorre a perda da transparência semântica, isto é, não há como resgatar o significado das partes isoladas, de cada componente, mas sim do todo como um conjunto, o que permite o uso da unidade em novos contextos com novas associações pragmáticas, levando a mudança semântica.

Nessa proposta de associação entre língua e uso desfaz-se também a separação entre sincronia e diacronia e a língua é entendida como sistema dinâmico, constantemente emergente. É a partir do uso que vão surgir novas expressões que no âmbito sincrônico podem instaurar variações, que, com o passar do tempo, podem ou não ser estabelecidas na gramática, tornando-se uma mudança diacrônica. Dessa forma, qualquer sincronia é o ponto de encontro entre mudanças que já ocorreram na língua e novas mudanças em curso na língua.

O uso é a condição para a emergência de novas formas e a constante mutação que é característica da língua. Em todos os níveis, as unidades linguísticas são vistas como resultado de rotinas cognitivas, ou seja, são

unidades recorrentes de padrões da língua, no lugar de unidades fixas. Sendo um sistema baseado nas formas emergentes, as línguas não são sistemas acabados, prontos. Todas as unidades linguísticas, sejam elas fonemas, morfemas ou construções sintáticas estão “sujeitas a extensões criativas e reformulações com o uso” (KEMMER; BARLOW, 1999, p.9).¹⁷

Um exemplo deste dinamismo seria o bem conhecido emprego de unidades referentes a elementos concretos encontrados na realidade para expressarem conceitos mais abstratos, como sentimentos, emoções, avaliações e atitudes. De acordo com Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2003, p.24, grifos dos autores),

quando se muda o foco de análise para uma abordagem voltada ao uso da língua, observa-se a existência de mecanismos recorrentes, que refletem um processo mais funcional de se criar rótulos novos para novos **referentes**. Ocorre que, para criar novos rótulos, o falante não inventa arbitrariamente sequências novas de sons, mas tende fortemente a utilizar material já existente na língua, estendendo o sentido de palavras (...) no que Ullmann (1977) chama **motivação semântica** (pé da mesa, coração da cidade).

Esta tendência é explicada por Kemmer e Barlow (1999, p.10) como uma consequência do fato de que o geral surge do específico. Como o específico é sempre mais diretamente relacionado à experiência, o que implicaria em dizer que o específico é aquilo que é mais concreto, retirado de referentes do mundo real, da experiência do falante. Os conceitos mais gerais, que não se relacionam diretamente com elementos da realidade, surgem dos mais concretos a partir de um processo de abstratização. Aumentando sua frequência, estes novos conceitos podem ser generalizados e até ser incorporado na gramática do falante. Neste processo podem ocorrer mudanças fonéticas ou mesmo desgaste fônico e há a possibilidade de que a relação entre forma e conteúdo/significado se torne mais opaca (HEINE, 2003; BYBEE, 2010; CEZÁRIO; FURTADO DA CUNHA, 2013).

O desenvolvimento de opacidades pode resultar em duas possibilidades:

¹⁷ “...subject to creative extension and rephrasing with use.” (KEMMER; BARLOW, 1999, p.9)

correlação entre uma forma e várias funções, ou entre uma função e várias formas (Cf. FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003, p.31). A primeira possibilidade parece se aplicar bastante bem ao caso de “de repente”. Em seu uso prototípico a locução possui um sentido temporal, o qual pode ser percebido como mais concreto do que a sua utilização como modal, que diz respeito ao que é possível ou necessário. O sentido temporal é mais palpável e mais próximo da realidade, por situar um fato em um dado momento, já o sentido de “de repente” como modalizador expressa a possibilidade de veracidade do fato descrito, considerando um ponto de vista, que é mais abstrato. Exemplificamos tais casos abaixo para ilustrar essa questão:

(1) **E**: “Você tava na rua ou dentro de algum clube?”

F: Eu tava andando, **de repente** eles me chamaram, me pegaram. Tudo armado. Foi um monte de homem tudo armado. Eu tava vindo do baile, meu namorado sumiu. Me deixou... num sei pra onde ele foi. Aí ele me pegô, viram eu sozinha, né?” (Amostra Censo 2000 – T08 – mulher, faixa etária 2, ensino fundamental)

(2) “Não, por exemplo, se for com menina eu vou, agora se for com menino eu não vou. Porque menino, se for dois junto, passa uma PM, passa alguma coisa, pensa que eu tô fazendo besteira, que é em grupo, então, por exemplo assim, quando a gente...é tipo um grupo de extermínio! Tá entendendo? Se andá junto os dois homem junto, a polícia chega e pára. Agora se eu andá com uma mulher do lado nunca vai pará. Tá entendendo? Porque sabe... **de repente** pensa que é a namorada...” (Amostra Censo 2000 - T05 – homem, faixa etária 2, ensino fundamental)

No exemplo (1), a falante descreve um caso que aconteceu com ela e relata o momento em que foi abordada por homens armados, utilizando o “de repente” para explicar o instante em ocorreu a abordagem, de forma súbita,

que ela não esperava. Já em (2), o falante explica o porquê de sua preferência em andar acompanhado de mulheres e diz que os policiais se aproximam quando há somente homens andando juntos, ele relata que acredita que isso pode ocorrer, pois quando está com mulher, o policial pode achar que eles são namorados, preferindo não se aproximar. Dessa forma, há a descrição do momento em que ocorre o evento, em (1) e o entendimento que o falante faz da atitude dos policiais em (2).

O que podemos perceber é que há uma extensão de sentido que provoca uma relação de opacidade, pois não conseguimos mais relacionar a forma ao seu significado. Isso acontece também na formação de construções gramaticais, que podem ser as construções inteiramente especificadas, as idiomáticas, que não podem ser reconhecidas separadamente, seu significado só permanece com a junção dos itens, como exemplificam Cezário e Furtado da Cunha (2013) com a expressão “Vai com Deus!”.

Inovações como as brevemente exemplificadas acima são introduzidas por um falante e podem ser adotadas por outros falantes e se espalham por toda uma comunidade com a qual ele interage. Conforme os falantes interagem entre si, maiores semelhanças haverá na sua linguagem, pela influência de um sobre o outro. Dessa forma, o convívio e o contato social modelam a variação linguística, uma questão que será aprofundada na seção 2.4. Dessa forma a interação se reflete na produção e no estabelecimento de novos padrões, o que demonstra a existência da variação e da mudança como inerentes e produtoras do sistema linguístico.

Os modelos baseados no uso são particularmente justificados para o estudo de processos de mudança linguística, uma vez que um dos seus pressupostos é o de que, como já destacamos, modificações introduzidas no uso, com o passar do tempo, podem ser incorporadas pela gramática (cf. KEMMER; BARLOW, 1999; BYBEE, 2010; FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003). É necessário destacar no entanto, que essas mudanças não são aleatórias. Há indícios/evidências de que algumas

mudanças são mais prováveis do que outras, como, por exemplo, a evolução de itens que indicam espaço para itens que indicam tempo e, se seguirem a trajetória de mudança, poderão funcionar como elementos de organização do discurso. Tal percurso é possível e natural de acordo com o que Traugott (2003, 2010) denomina (inter) subjetivização, um processo que será abordado mais detalhadamente na seção 2.3 deste capítulo.

2.2 Gramaticalização

A gramaticalização, foco deste trabalho, é um processo de mudança, moldado pelo uso, que consiste, na sua visão mais clássica, na passagem de um item lexical para um item gramatical ou de menos gramatical para mais gramatical. Segundo Kurylowicz (1965, p.69), a “gramaticalização consiste no aumento da extensão de um morfema, avançando de um nível lexical para um gramatical ou de um nível menos gramatical para um mais gramatical.”¹⁸ A gramaticalização pode ser definida como um processo que segue um *cline* de mudança por meio do qual itens lexicais se desenvolvem e passam a itens gramaticais e como itens gramaticalizados, podem passar para mais gramaticais ainda. Nos termos de Gonçalves et al. (2007, p.20):

Em acordo, então, com a acepção mais clássica da gramaticalização, palavras de uma categoria lexical plena (nomes, verbos e adjetivos) podem passar a integrar a classe das categorias gramaticais (preposições, advérbios, auxiliares etc.), as quais, em momento posterior, podem vir até mesmo a se tornar afixos.

Os estudos sobre gramaticalização surgem na tentativa de explicar a origem e o desenvolvimento das categorias gramaticais, o que já envolve o pensamento de que a língua não seria estática e que a estrutura gramatical seria constituída a partir do uso. Segundo Heine (2003), ainda, que uma teoria da gramaticalização deve descrever a forma como formas gramaticais

¹⁸ “Gramaticalization consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status”. (KURYLOWICZ, 1965, p.69)

surgem e se desenvolvem no espaço e no tempo e por que são estruturadas da forma que são, há um consenso sobre o fato de que a principal razão subjacente aos processos de gramaticalização consiste na intenção do indivíduo em se comunicar com sucesso.

Segundo Martelotta (2008), a gramaticalização está então relacionada ao que ele chamará de mecanismos emergentes da língua, que surgirão para sanar as necessidades comunicativas dos falantes, que acompanham os padrões estáveis da estrutura gramatical da língua:

ao lado de padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, a gramática de qualquer língua exibe mecanismos de codificação emergentes, que são consequentes da necessidade de formas mais expressivas. A gramaticalização é um fenômeno relacionado a essa necessidade de se refazer que toda gramática apresenta (MARTELOTTA, 2008, p.173).

Uma das estratégias dos falantes para se comunicarem com sucesso é a utilização de formas linguísticas concretas e acessíveis para expressar também sentidos menos concretos e acessíveis, tornando a comunicação mais clara. Do ponto de vista semântico, a gramaticalização pode ser entendida, portanto, como um processo pelo qual expressões de sentido concreto são utilizadas em contextos específicos para codificar sentidos gramaticais. (HEINE, 2003).

Normalmente, gramaticalização é definida como um processo unidirecional por operar do léxico para a gramática, isto é, uma forma lexical passa a ter uma função gramatical. As formas em processo de gramaticalização são integradas em um *continuum* que vai do mais lexical para o mais gramatical, passando por diversos estágios intermediários. Os estágios mais iniciais seriam formados por itens com ligação sintática fraca, isto é, os itens mais lexicais com funções semânticas mais concretas; os estágios mais desenvolvidos seriam formados por itens mais gramaticais, sintaticamente ligados, com função semântica mais abstrata, que se juntam a outros elementos para organizar o discurso.

De acordo com a proposta de Heine (2003), para que itens linguísticos se gramaticalizem ou seja, assumam funções mais gramaticais, é preciso que eles ocorram em contextos e construções específicas, as quais vão envolver não só o ambiente morfossintático como também fatores pragmáticos. Dessa forma, os processos de gramaticalização envolvem um conjunto de fatores de natureza diversificada, como fatores morfossintáticos, semântico-pragmáticos, comunicativos e cognitivos. Estes diferentes fatores são entendidos pelo autor como mecanismos relacionados aos processos de gramaticalização: dessemantização, extensão, decategorização e erosão. Cada um desses mecanismos está ligado a um nível distinto e todos envolvem perda de alguma propriedade.

Nem todos os mecanismos propostos por Heine (2003) e apresentados acima se aplicam ao fenômeno em estudo, isso pode se apresentar pelo fato de que o processo de mudança da locução “de repente” não está concluído, que seriam os casos de processos com maior probabilidade de se detectar todos os mecanismos, por exemplo, o mecanismo de decategorização está relacionado a mudança de categoria morfossintática, porém, “de repente”, mesmo como modalizador, continua sendo um advérbio. Assim como o mecanismo da erosão fonética que ocorre, em geral, nos casos mais avançados, em que a forma pode apresentar perda de substância fonética.

Relacionados de forma mais direta ao fenômeno focalizado nesta pesquisa, a locução “de repente”, estão associados os mecanismos de dessemantização e, principalmente, o de extensão.

A extensão está relacionada à generalização de contextos, ou seja, um item passa a ser usado em contextos em que não era usado antes. Este contexto permite que novos sentidos possam emergir e mesmo conduzir a um enfraquecimento semântico, manifesto na abstratização do sentido desse item. O mecanismo da extensão acarreta perda de propriedades da forma original que pode, então, ser usada em novos contextos em que não poderia

ser usada anteriormente.

A questão da dessemantização é controversa, podendo se opor dois modelos: um que enfatiza a perda do significado original do item e outro que considera que não há propriamente uma perda, mas sim o desenvolvimento de significados mais abstratos. Heine (op. Cit.) conjuga as duas visões falando em um modelo de perdas e ganhos. O autor defende ainda que esta passagem de um significado para outro não é abrupta, mas sim gradual, podendo ser descrita no que o autor denomina de *overlap model*, ou seja, um modelo de superposição, segundo o qual: (a) uma expressão linguística se gramaticaliza em um contexto específico, em que pode ser interpretada com um novo significado (b) que não exclui ainda inteiramente o significado base (a), criando, assim, ambiguidade (a/b). Ao ser usada em novos contextos, a mudança começa a ser mais claramente percebida, pois a forma original pode ser interpretada apenas com um novo significado (b). Os dois significados (a e b) coexistem até que a mudança seja concluída, e o sentido original de um item lexical ou de uma expressão é perdido.

Tal superposição pode ser aplicada ao fenômeno aqui estudado. Consideremos os exemplos (3), (4) e (5):

- (3) “Sei lá, **de repente** eu parei de ir. Eu sempre levava esse meu filho, mas eu acho que ele ficou tão pesado, que eu não tô mais aguentando.” (Amostra Censo 2000 –T15 – mulher, faixa etária 2, ensino fundamental)
- (4) “...um padre que tem a oportunidade **de repente** de gravá disco, ganhá dinheiro, o cara vai pegá essa oportunidade, entendeu?” (Amostra Censo 2000 - T23 – homem, faixa etária 3, ensino médio)
- (5) “Bom, como eu ainda não comecei a estudar, ainda não tive um contato com o mundo lá da universidade, eu ainda não sei direito o

que responder, mas o que eu acho é que isso aí vai de cada um, **de repente** a universidade não dá uma inclinação para a parte intelectual, mas nada impede que a pessoa busque isso.” (Amostra Censo 2000 - T13 – homem, faixa etária 2, ensino médio)

No exemplo (3), “de repente” expressa o significado original de advérbio de tempo. Ocorre um aumento de contextos em que a locução era inserida e ela adquire novas funções e significados, havendo ambiguidade no sentido apresentado pelo elemento, o que notamos no exemplo (4) em que fica difícil precisar o sentido exato de “de repente” que mistura a acepção de súbito, como advérbio de tempo, ou da acepção de possibilidade, como modalizador epistêmico. Em algum momento, o significado temporal original pode desaparecer e o novo significado se estabiliza, ou nos termos de Traugott (2003, 2010), passa a fazer parte da estrutura semântica do item. Assim, no exemplo (5), a única interpretação possível de “de repente” é a de incerteza, ou seja, como modalizador epistêmico.

O que se observa no exemplo acima discutido exemplifica bastante bem o que vários autores (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, 2003; TRAUGOTT 2010; HEINE, 2003; GONÇALVES ET AL., 2007) explicam como aquisição de sentidos discursivos-pragmáticos, possibilitada pela comunicação real em que podem ser recuperadas inferências e implicaturas subjacentes ao ato de comunicação. Desta forma, a gramaticalização pode ser entendida como um processo ininterrupto, contínuo e dinâmico que reflete o movimento das estruturas da língua, bem como os processos cognitivos utilizados pelo falante em seu processo de combinações entre forma e sentido.

Um dos problemas no estudo da gramaticalização está em identificar a ocorrência do processo, uma vez que algumas formas ou construções podem não ter se tornado fixas ou obrigatórias. Hopper (1991) e Hopper e Traugott (1993; 2003) sugerem alguns princípios que caracterizam aspectos de mudança em geral, mas que podem ajudar não só a caracterizar a gramaticalização em estágios mais facilmente identificáveis, mas também

nos estágios iniciais. São princípios relevantes para definir o surgimento de formas e construções que possam estar sofrendo gramaticalização, a saber: estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização. Entre eles, os princípios da estratificação, da divergência, da especialização e da persistência poderiam indicar o processo de gramaticalização da forma “de repente”.

O princípio da estratificação diz respeito à coexistência de diferentes formas linguísticas que representam diferentes camadas, diacrônicas, uma vez que formas mais recentes vêm se acrescentar àquelas que já existiam. Novas formas são criadas sem que, necessariamente, uma forma que já codifica um determinado significado deixe de existir. Portanto, o princípio da estratificação descreve a convivência das diversas camadas, a coexistência entre o velho e o novo. Com o processo de gramaticalização, são atribuídos novos sentidos a algumas formas, que adentram contextos em que formas com sentidos semelhantes já estavam inseridas. No caso focalizado neste estudo, “de repente”, como modalizador, poderia ser assimilada ao advérbio de dúvida “talvez”, já disponível no português. Quando itens da língua sofrem gramaticalização, eles constituirão uma nova camada que vai conviver com aquelas que já existem e que, podem resultar em variação, como salientam Vitral, Viegas e Oliveira (2010, p. 206):

É possível, assim, considerar que, em relação à Estratificação, haja fenômenos de variação estável no sentido laboviano que, como se admite, podem persistir por tempo indeterminado ou, a partir de um certo momento, começar a se desenvolver na direção de eliminar uma das formas equivalentes.

Neste estudo, as quatro funções distintas da locução “de repente” encontradas nas amostras, a saber: advérbio de tempo, advérbio de modo, modalizador epistêmico e marcador discursivo, além dos casos ambíguos, convivem nesse mesmo recorte de tempo que estamos adotando. Desta forma, podemos dizer que os usos mais antigos e os usos mais recentes de “de repente” convivem, criando uma situação que Hopper (1991) e Hopper e Traugott (1993; 2003) denominaram de divergência. Pelo princípio da

divergência, a forma gramaticalizada coexiste, de forma autônoma, com a de origem, ou seja existe simultaneamente com a forma lexical da qual se originou, seguindo seu caminho normal de mudança lexical.

O princípio da persistência descreve a preservação de significados da forma fonte, mantendo certas especificidades. Quando ocorre a gramaticalização, existe a possibilidade de encontrarmos vestígios da forma original, o que poderia significar certas restrições à distribuição da forma gramaticalizada em certos contextos, o que pode ser exemplificado pela função de advérbio de modo, assumida pelo “de repente”, a qual mantém vestígios da função de advérbio de tempo e os casos em que a locução encontra-se ambígua, admitindo mais de uma interpretação.

Outro princípio que caracteriza a mudança da locução “de repente” é o da especialização, o qual implica numa redução na variedade de escolha entre formas, à medida que um significado se torna mais geral e outros desaparecem. Essa maior generalidade gramatical, significa um aumento na polissemia de uma forma, mas o que ocorre é um equilíbrio, o sentido muda com a restrição de significados antigos sobre significados mais novos. No caso da locução “de repente”, há um aumento na polissemia de uma forma, mas não o desaparecimento da mais antiga para o estabelecimento das formas inovadoras, a exemplo do “de repente”, quando este assume a função de modalizador epistêmico, desfazendo-se da relação com a função original.

O princípio da divergência é particularmente visível no caso de gramaticalização de formas mais presas como clíticos e afixos. Como mostra Hopper (1991, p.22): “quando uma forma sofre gramaticalização para um clítico ou um afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que o item lexical comum.”¹⁹ Porém podemos pensar no princípio da divergência aplicado ao caso do “de repente”, sem que haja, necessariamente, mudança de classe

¹⁹ When a lexical form undergoes grammaticization to a clitic or affix, the original lexical form may remain as an autonomous element and undergo the same changes as ordinary lexical items (HOPPER, 1991, p.22).

ou decategorização, já que no caso do fenômeno estudado, não há mudança gramatical, mas sim a coexistência da mesma forma com sentidos diferentes. O princípio da decategorização refere-se à perda ou à neutralização de marcas morfológicas e de traços característicos da forma fonte. Formas que sofrem gramaticalização podem perder características de categorias principais, as quais designam entidades, ações e qualidades, assumindo características de categorias secundárias.

O que pode haver, no caso da locução “de repente”, é apenas uma mudança sutil no tipo de advérbio, passando de um grupo para outro, isto é, como advérbio de tempo e modo, “de repente” opera sobre a predicação, mais interno à oração e como advérbio modalizador ele opera sobre a proposição tornando-se então um elemento menos preso. É discutível se persistência pode ser considerada um critério pra medir grau de gramaticalização em casos de elementos em que não há uma mudança categorial, mas sim a instauração de uma polissemia ou coexistência de diferentes significados. O fato de uma forma adquirir novos significados não significa que os significados anteriores que ela já possuía desapareçam.

Por exemplo a ocorrência da locução “de repente” com os valores semânticos de advérbio de tempo e de modalizador.

(6) “...e aconteceu isso ... **de repente** nossa vida mudou... “(Amostra PortVix- CÉL23 – homem, faixa etária 2, ensino médio)

(7) “...não, eu...eu entro com medo, que eu tenho medo de...de, assim, de entrar na água e ter alguma coisa, porque, **de repente**, pode ter alguma coisa...” (Amostra PortVix – CÉL15 – mulher, faixa etária 3, ensino fundamental)

Em (6) percebemos a função da locução “de repente” como advérbio de tempo, a função prototípica da locução, sendo algo que ocorre em um dado momento, de forma inesperada, imprevisível. Já no exemplo (7),

compreendemos a função do “de repente” como a expressão de uma possibilidade, com função de modalizador epistêmico que já não carrega traço da forma-fonte, de algo realizado em dado momento. O falante insere na sentença o seu ponto de vista, mas não se compromete muito, utilizando outros modais na estrutura que enfatizam a situação como uma possibilidade. Os exemplos representam o princípio da divergência, definida por Hopper (1991), em que os dois casos coexistem na língua, sem que houvesse o desaparecimento de um para que o outro ocorresse.

A análise mais adequada de “de repente” parece ser a que envolve aspectos ligados à intersubjetivização, como é discutido na seção seguinte.

2.3 Subjetividade e Intersubjetividade

Na seção 2.2 sobre gramaticalização, falamos sobre a trajetória unidirecional do processo, que seria o caminho que as formas antigas percorrem para adquirirem novas funções, passando de [+ lexical] para [+ gramatical]. Então teríamos dois extremos: em uma extremidade o mais lexical (+concreto) e do outro o mais gramatical (+abstrato), seguindo um *continuum*. Essa trajetória pode ser entendida também em termos de subjetividade, mais classicamente, (FINEGAN, 1995; TRAUGOTT, 1995, 2003), ou de (inter) subjetividade, como mais recentemente proposto por Traugott (2003, 2010).

A objetividade é a expressão de um fato, sujeito a verificação de condições de verdade. No momento em que o falante assume essa posição mais objetiva em sua fala, ele exprime situações em que a compreensão do ouvinte é facilitada, uma vez que o locutor se utiliza de expressões com referentes mais concretos, que remetem para a realidade e que são mais facilmente interpretáveis. A subjetividade toma lugar quando as crenças do falante passam a fazer parte do enunciado e influenciam sua descrição,

transmitindo a expressão de si mesmo – *self*.²⁰ Já a intersubjetividade está direcionada ao interlocutor, para quem o falante dirige sua fala e sobre o qual o conteúdo da proposição vai incidir e, eventualmente, atingir. Logo, o enunciado se torna mais subjetivo pois o falante se inclui no enunciado e mais intersubjetivo porque o falante se dirige especificamente aos destinatários.

A subjetividade não é apenas a passagem do concreto para o abstrato, mas também é o caminho dos significados mais objetivos, aqueles para os quais temos um referente no mundo real, para significados mais subjetivos. Além de falar sobre algo, o falante se posiciona sobre aquilo, acrescentando suas avaliações sobre os fatos descritos, suas atitudes e crenças. Itens já existentes na língua podem ser recrutados pelo falante a fim de manifestar o seu posicionamento e convicções, o seu entendimento do mundo, bem como o seu ponto de vista sobre o conteúdo, aquilo que está sendo dito.

A intersubjetividade diz respeito à representação do interlocutor pelo locutor, é ligada à relação que o falante estabelece com o ouvinte, usando estratégias de atenuação em respeito à face do outro. Dessa forma, quando um item já é subjetivado, pode ser usado também para gerenciar a relação do EU com o TU, ou seja, indicando certo cuidado com a forma como o enunciado proferido pode ser recebido.

A subjetividade a que nos referimos, como descreve Finegan (1995), se expressa por marcas deixadas pelo falante na língua, expressando o seu ponto de vista sobre aquilo que expõe. O processo de subjetivização diz respeito à forma como se desenvolvem certos elementos linguísticos adquirindo a função de expressar esta subjetividade.

Para Finegan (1995) e Traugott (2003, 2010) é necessário distinguir entre subjetivização e subjetividade. Traugott (2010) utiliza o termo subjetividade para se referir a relação do falante com os fatos expressos (suas crenças e

²⁰ Finegan (1995, p.2) utiliza essa expressão “self” como expressão de si mesmo.

atitudes) e considera que, em qualquer sincronia de uma língua, existem itens lexicais ou construções que possuem significado [+ subjetivo]. Subjetivização, por outro lado, se refere a uma mudança que permite a emergência e o desenvolvimento dessas formas que expressam o ponto de vista do falante. Subjetivização tem que ser vista, portanto, de um ponto de vista diacrônico.

Elementos linguísticos se desenvolvem não apenas para expressar avaliações e atitudes do falante mas também para gerenciar a relação entre o falante e o interlocutor. Nesta perspectiva, Traugott (2003, 2010) prefere falar de (inter)subjetivização, propondo um *cline*²¹ que vai do mais objetivo para o mais subjetivo, e, em seguida, para o intersubjetivo. Esquemáticamente:

[-subjetivo] > [+ subjetivo] > [intersubjetivo].

Um *cline* pode ser entendido como um *continuum* em que as formas progridem da esquerda para a direita, de um extremo ao outro, desta forma, podemos entender que quando um sentido intersubjetivo ocorre, ele surge de um significado anteriormente subjetificado. Traugott (2010) discute o exemplo de alguns pronomes de tratamento em japonês que exprimem a relação hierárquica estabelecida entre falante e ouvinte. Um pronome pode ser tratado como respeitoso ou humilhante dependendo do assunto referente e a quem ele é direcionado. Segundo a autora: “a construção das relações é subjetiva, embora, já que o referente é o destinatário, a intersubjetividade está inevitavelmente envolvida” (TRAUGOTT, 2010, p.37)²². Assim, a forma como o falante irá desenvolver seu enunciado também dependerá do destinatário e da forma como o falante deseja que sua asserção seja recebida.

²¹ Hopper e Traugott (1993, 2003) apontam que a noção de *cline* é básica para o trabalho da gramaticalização, pois explica que os processos são graduais, pois os itens não pulam abruptamente de um extremo ao outro, mas passam por pequenas etapas de transição que são similares em todas as línguas.

²² “The construal of relationships is subjective, although since the referent is the addressee, intersubjectivity is inevitable involved.” (TRAUGOTT, 2010, p.37)

Subjetivização é um processo essencialmente semântico-pragmático, ou seja, de codificação de sentidos e de implicaturas que emergem no contexto de comunicação, em que a expressão das convicções, crenças e atitudes do falante se traduzem em enunciados. No momento em que o sujeito se pronuncia em primeira pessoa, ele perde a objetividade e começa a introduzir a sua perspectiva sobre a afirmação.

Segundo a autora, tanto a subjetivização como a intersubjetivização envolvem, pelo menos por hipótese, “a reanálise de significados pragmáticos como significados semânticos codificados no contexto de negociação de sentidos entre falante e ouvinte” (TRAUGOTT, 2010, p.29)²³. Em outros termos, os dois processos resultam do fato de que, no momento da interação, estruturas e expressões linguísticas podem ser analisadas de forma diferente, levando à criação de novas formas gramaticais. Dessa forma, a subjetividade ocorre por metonímia, um processo de mudança que ocorre por contiguidade posicional ou sintática.

Traugott (2010) esclarece que subjetivização e intersubjetivização são processos associados à gramaticalização, mas não o ocasionam. Além disto, embora muitos processos de gramaticalização envolvam subjetivização, nem todo processo de subjetivização envolve necessariamente gramaticalização. A autora admite, ainda que há uma relação mais próxima entre gramaticalização e subjetividade, isso porque a gramaticalização envolve, muito frequentemente, o recrutamento de itens que servem para marcar a perspectiva do falante. Logo, a emergência de novos padrões na língua, a partir da gramaticalização, está relacionada à necessidade que os usuários da língua sentem de expressarem os seus pensamentos, suas opiniões, suas avaliações ou seu entendimento sobre situações da realidade nas interações comunicativas do cotidiano.

²³ “... the reanalysis of pragmatic meanings as coded semantic meanings in the context of speaker-hearer negotiation of meaning.” (TRAUGOTT, 2010, p.29)

2.4 O estudo da mudança em Tempo Aparente

Como vimos na seção 2.1, os modelos baseados no uso pautam seus estudos no contexto de uso, assumindo que este é motivador das estruturas da língua, ou seja, que os exemplos de produção do falante são a base para a formação do sistema linguístico. Da mesma forma, os estudos da Sociolinguística se voltam para o uso da língua, assumindo o princípio de que a heterogeneidade observada é sistemática, regulada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Um outro ponto comum entre a Sociolinguística Variacionista e os modelos baseados no uso é a ênfase na mudança linguística, ou seja, na dinamicidade dos sistemas linguísticos, entendidos como constantemente emergentes. Isto significa portanto que mudança e variação estão inter-relacionadas, entendendo-se que toda mudança linguística, por ser gradual, implica variação. Há, portanto, pontos de confluência entre os estudos da Sociolinguística e uma perspectiva funcional da língua, pelo fato de os dois relacionarem a gramática a aspectos externos.

A Sociolinguística Variacionista é um modelo teórico que tem como objeto de estudo a língua no contexto social, partindo do princípio de que qualquer sistema linguístico é heterogêneo e variável.

A língua é uma forma de comportamento social (...) Crianças mantidas em isolamento não usam a língua; ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros." (LABOV, 2008[1972], p.215)

Assim, há uma busca por entender o relacionamento do sistema linguístico dentro dele mesmo e do contexto extralinguístico inerente à situação de fala.

A heterogeneidade nas línguas humanas não ocorre de uma forma desordenada, aleatória, como se realmente existisse um caos linguístico,

mas, ao contrário, segue padrões regulares que podem ser descritos e explicados.

(...) as línguas apresentam as contrapartes fixa e heterogênea de forma a exibir unidade em meio à heterogeneidade. Note-se que isso só é possível porque a dinamicidade linguística é inerente e motivada. Prova-se como é equivocado o conceito estruturalista de variantes livres, ao demonstrar-se que a variação é estruturada de acordo com as propriedades sistêmicas das línguas e se implementa porque é contextualizada com regularidade. (MOLLICA, 2003, p.5)

O nosso objeto de estudo é a variação no uso da locução “de repente”, ou seja, os diversos usos desta locução, não se enquadrando, portanto, no conceito mais estrito de variação tal como utilizado pela Sociolinguística Variacionista, ou seja, o de alternância entre duas ou mais formas para a expressão de um mesmo significado. A questão é como conciliar os estudos da gramaticalização, que, na maioria das vezes, é um estudo voltado para fenômenos em que várias funções são atribuídas a uma mesma forma, com a Sociolinguística que trabalha principalmente da função para diferentes formas. Considerando os aspectos destacados acima, vamos nos ater aos pontos principais da perspectiva Variacionista que podem auxiliar na compreensão de fenômenos de variação como se apresentam em casos de gramaticalização e na conjugação possível entre princípios da Sociolinguística Variacionista e dos estudos de gramaticalização.

Alguns autores (GÖRSKI, TAVARES, 2012; TAVARES, 2013) já mostraram que conceitos propostos nos estudos de gramaticalização podem ser relacionados com o conceito sociolinguístico de variação. Consideremos, por exemplo, o princípio da Estratificação, proposto por Hopper (1991) e já descrito na seção 2.2 desta dissertação, segundo o qual o recrutamento de formas já existentes na língua para desempenhar novas funções, não acarreta necessariamente o desaparecimento de formas que desempenhavam essa função anteriormente ao surgimento da forma inovadora. O que ocorre é a coexistência de diferentes formas que desempenham a mesma função.

Como destacam Vitral, Viegas e Oliveira (2010, p.206), “no caso da Estratificação, há coexistência do item gramatical gerado pelo processo de gramaticalização e de outro item gramatical que desempenha a mesma função.” Para exemplificar esta coexistência de camadas diacronicamente distintas, podemos tomar como exemplo o fenômeno focalizado neste estudo. No exemplo (8), temos a locução “de repente” exercendo a função de modalizador. Na medida em que ele é modalizador, vai “concorrer” com outras formas de modalização (como talvez, por exemplo) que já existem, constituindo, pelo menos em princípio, camadas mais antigas.

- (8) “Hoje a mulher, por exemplo, a mãe ela tem que trabalhá, entendeu? Tem que... tem que estudá. Então **de repente** ela não tem tempo, como por exemplo, minha mãe tinha.” (Amostra Cento T19 – homem, faixa etária 3, ensino fundamental)

Como explicam Görski e Tavares (2012, p.14), o princípio da estratificação traz uma concordância entre os estudos variacionistas e funcionalistas, ao apontar o surgimento de novas camadas de formas com funções que já são indicadas por outras formas mais antigas e é essa competição entre as formas utilizadas na língua que permite a realização da mudança, “aproximando as terminologias das duas abordagens em foco, temos que ‘camadas’ funcionais correspondem a ‘variantes’ sociolinguísticas”. O estudo da variação vai observar a existência de formas distintas que são utilizadas para manifestação do mesmo significado. Dessa forma, elas pertenceriam a camadas, como ocorre nos usos inovadores resultantes do processo de gramaticalização, que coocorrem com outras formas linguísticas, ou seja, competem entre si. Segundo Vitral, Viegas e Oliveira (2010), a possibilidade de haver fenômenos de variação estável, que resultam da estratificação, permite a descrição desse processo por meio da metodologia variacionista, estando aí a possibilidade de interação entre os modelos variacionista e o processo de gramaticalização.

Görski e Tavares (2012) ainda apontam uma confluência entre os estudos da variação e da gramaticalização, pois ao analisarmos um objeto de estudo de variação, entramos na trajetória de mudança da gramaticalização, a qual é acompanhada pelas formas variantes que estruturam esses domínios.

Além da conjugação teórica mostrada até aqui, fazemos uso do instrumental metodológico proposto pela Sociolinguística Variacionista para captar mudanças que emergem ou estão em curso de propagação na língua²⁴. Como destaca Tarallo (1985), a teoria da variação linguística toma como pressuposto o fato de as mudanças linguísticas ocorrerem na língua falada. Desta forma, ganha importância o estudo de amostras de fala representativas do uso do vernáculo de uma comunidade de fala, coletados por meio de uma participação direta com os falantes. Um procedimento desenvolvido para obter uma variedade de estilos de fala, alguns deles mais próximos de um estilo menos monitorado pelo falante, é o da entrevista sociolinguística.

Os *corpora* utilizados neste trabalho foram formados a partir da coleta de entrevistas sociolinguísticas, que podem ser consideradas um estilo monitorado. No entanto, a inclusão de narrativas de experiência pessoal ligadas, principalmente a perigo ou “risco de morte”, permite a emergência de um discurso menos monitorado (CHAMBERS, 1995; MEYERHOFF, 2006; LABOV, 2008 [1972]). Admite-se que, ao relatar uma história pessoal, o falante se sinta mais confortável, podendo reproduzir um estilo de fala mais próxima do vernáculo, de acordo com suas particularidades linguísticas.

Segundo Labov (2008[1972], p. 111),

Por *fala casual*, em sentido estrito, entendemos a fala cotidiana usada em situações informais, em que nenhuma atenção é dirigida à linguagem. Já *fala espontânea* se refere ao padrão usado na fala excitada, carregada de emoção, quando os constrangimentos de uma situação formal são abandonados. Esquemáticamente:

Contexto: Informal Formal

²⁴ O fato de usarmos o Goldvarb (programa de tratamento quantitativo) não significa dizer que estamos usando-o para uma regra variável, mas sim para uma questão de facilidade estatística de distribuição dos fatores.

Dessa forma, o conhecimento do entrevistador acerca da comunidade estudada é de grande importância, a fim de que ele possa escolher o caminho a ser seguido a partir da associação com o tipo de comunidade em que o falante está inserido e em relação a sua faixa etária. Esses critérios ajudam na escolha da direção a ser tomada nas questões discutidas, com a finalidade de conhecer os assuntos mais interessantes para o informante, por este motivo, o pesquisador precisa se introduzir na comunidade para ganhar a confiança do falante a fim de minimizar o impacto de sua presença.

De um modo geral, a Sociolinguística, como o próprio nome já indica, busca encontrar na correlação entre variantes linguísticas e fatores sociais indicações de possíveis mudanças que estejam se instalando na língua. Um fato já bem demonstrado por diversos estudos é que há diferenças na fala de indivíduos de diferentes regiões, classes sociais, faixas etárias, gênero e outras variáveis que podem organizar subgrupos de uma sociedade. Essas diferenças podem, em muitos casos, indicar um crescente processo de substituição de uma variante mais antiga por outra mais recente.

Um outro fato é que o indivíduo que convive numa mesma comunidade tenderá a apresentar traços de fala semelhantes aos dos outros membros da sua comunidade ou sub-comunidade, uma vez que pessoas que convivem de forma conjunta costumam ter características linguísticas similares. Tendemos a falar como aquelas pessoas com quem nos comunicamos mais frequentemente.

Dentre as variáveis sociais mais frequentemente investigadas pela Sociolinguística está a variável idade por permitir o estudo da mudança em tempo aparente, ou seja, a mudança em progresso em uma sincronia. Segundo Turell (2013), uma forma simples de estudar a mudança linguística em tempo aparente é basear a análise na distribuição das variáveis nos diferentes grupos de faixa etária, que é a forma de procedimento desta

pesquisa. Conforme Paiva (2016, p.44),

mudança em tempo aparente é uma interpretação possível para casos em que uma forma/ variante linguística é significativamente mais frequente na fala de grupos etários mais jovens e decresce proporcionalmente ao aumento de faixa etária, resultando em um padrão linear. Formas inovadoras são introduzidas na fala dos mais jovens, substituindo as formas mais antigas/conservadoras ainda recorrentes nas faixas etárias mais velhas da população. A forma predominante na fala dos mais jovens é uma forte candidata a se generalizar, geração após geração, até o completo desaparecimento da sua concorrente.

Esta possibilidade se sustenta na hipótese de que a aquisição da linguagem se dá até uma certa idade e, a partir do momento em que se ultrapassa essa faixa, a linguagem individual se mantém estável (LABOV, 1994; PAIVA; DUARTE, 2003; PAIVA, 2016). Dessa forma, diferenças entre grupos etários distintos representariam estágios distintos de uma língua. Assim é explicado o interesse pelo estudo de amostras estratificadas em diferentes faixas etárias, pois isso pode indicar a direção das variantes linguísticas atestadas em uma comunidade de fala.

2.5 Modalidade

Nesta seção, discutimos alguns aspectos ligados à modalidade, entendida como uma categoria semântico-pragmática e discursiva relacionada à forma de envolvimento do enunciador com os estados de coisas descritos. Nesta perspectiva, modalidade é vista como uma forma de avaliação, de julgamento do locutor acerca da veracidade da proposição. Segundo Iwamoto (2007), modalidade pode ser entendida em termos de ponto de vista, como um modo individual de conceitualização do mundo a que o locutor opera a partir do seu conhecimento de mundo.

No âmbito do discurso, a modalidade possui importante papel na comunicação podendo servir como recurso de suavização dos efeitos que

um ato de fala pode causar no ouvinte. Ao falar sobre modalidade, Hengeveld (1988) explica que ao dizer algo, o falante não só transmite informação ao destinatário como também transmite sua intenção comunicativa.

Neves (2002) aponta para a complexidade do estudo da modalização, pois mesmo enunciados construídos sem marcas explícitas de atitude, isto é, em que o falante não sinaliza sua posição acerca dos fatos sobre os quais fala, “revelam passagem pelo conhecimento e julgamento do falante” (NEVES, 2002, p.195). Para a autora:

Enunciados assim despojados, por outro lado, podem trazer elementos circunscritos que, entretanto, não modalizam o enunciado, apenas limitam a predicação ou partes dela e, desse modo, sugerem, na verdade, precisão. (NEVES, 2002, p.195)

Esta complexidade decorre do fato de que existem várias maneiras de se expressar a relação do falante com os fatos descritos e diferentes graus de compromisso que ele pode manifestar em relação à proposição, de acordo com o grau de certeza acerca do estado de coisas descritos, baseado na sua percepção de mundo. Essa gradualidade é concebida por Halliday e Mathiessen (2004), por exemplo, como graus intermediários entre a polaridade do positivo e do negativo. São os vários estágios de indeterminação, a probabilidade expressa, por exemplo, por formas como “às vezes” e “talvez”, que constroem a região de incerteza entre essa condição incontestável e bem definida da polaridade do “sim” e do “não”. Numa perspectiva semelhante Iwamoto (2007, p.175) destaca que a “modalidade expressa o modo pelo qual o conteúdo proposicional de uma sentença é apresentado como certo, confiável ou obrigatório e funciona para regular relações interpessoais.”²⁵

Numa posição um pouco diferente, Mira Mateus et al. (2003, p.245)

²⁵ Modality expresses the mode within which the propositional content of a sentence is presented (as certain, reliable, or obligatory) and it functions to regulate interpersonal relations. (IWAMOTO, 2007, p.175)

assumem que, “do ponto de vista linguístico, podemos considerar que a modalidade é a gramaticalização de atitudes e opiniões do falante”, o que levaria então a entender gramaticalização de modais como o desenvolvimento de formas que permitem ao falante expressar-se de dentro para fora: suas capacidades, convicções e posicionamentos. Elementos modais, ou seja, recursos para a expressão das atitudes e avaliações do falante estão constantemente surgindo nas línguas, podendo se tornar a função principal de categorias diversas como adjetivos, verbos e perífrases verbais ou advérbios, como no caso focalizado neste estudo.

A modalidade está relacionada ao que Von Stechow (2006) denomina mundos possíveis, ou seja, a avaliação de uma proposição implica que o estado de coisas descrito seja possível em um mundo qualquer, não necessariamente real. Segundo o autor “esses conjuntos de mundos possíveis são atribuídos ao mundo em que a sentença é avaliada (o mundo da avaliação) por uma relação de acessibilidade”²⁶ (VON STECHOW, 2006, p.3). Portanto, o estabelecimento de mundos possíveis se ancora naquilo que é conhecido pelos usuários da língua e em regras e normas do mundo em questão, às quais o autor da proposição esteja sujeito. Isto significa dizer que os enunciados estão relacionados a certas verdades que dependem do conhecimento de mundo do indivíduo e que podem não ser válidas, para outros indivíduos, que convivem com normas diferentes destas, o que permitiria o questionamento da veracidade da própria proposição. Um exemplo desta situação é o fato de que, como em culturas diferentes existem leis e normas distintas de convívio em sociedade, algumas situações podem ser consideradas ilegais ou não possíveis em um determinado lugar e em outros, não.

Consideremos o exemplo de fala (9), extraído de uma das amostras utilizadas nesta pesquisa, em que a falante discorre sobre a situação política do país.

²⁶ “These sets of possible worlds are assigned to the world in which the complex sentence is evaluated (the evaluation world) by an accessibility relation.” (VON STECHOW, 2006, p.3)

(9) “...claro que tem muita gente que não presta que não vale nada mas assim é difícil também uma pessoa sozinha... que seja do bem assim, sabe? Que não... roube, que não... queira tirar vantagem não queira...é tipo assim...conseguir coisas pelo poder que tem... do que quem...realmente quer ajudar...então assim...as pessoas que realmente querem ajudar acabam saindo... prejudicadas assim é difícil cê ver um vereador... que consegue alguma coisa pra bairro pobre assim... sempre consegue alguma coisa, mas em troca tem um monte de voto, sabe? É difícil...e depois que você tá lá também... eu acho que a situação piora... acho que **de repente** você entra no... quando você entra no... naquele meio ali... você...se...corrompe, sabe? Acho difícil um político ser...completamente honesto (Amostra PortVix – CÉL37 – Mulher, faixa etária 15 a 25 anos, ensino superior)

Durante a fala, o locutor desenvolve sua argumentação sobre a dificuldade de uma pessoa com boa intenção não se corromper ao entrar para a política, pois é de senso comum no país que a maioria das pessoas que está nos cargos políticos é corrupta. Dessa forma a entrevistada não precisou explicar o motivo pelo qual ela faz essa consideração sobre a política. No início da sua fala: “...claro que tem muita gente que não presta...”, percebemos que ela toma como ponto de partida o que já é de conhecimento geral, o consenso de que no Brasil é usual a insatisfação com a política, para depois explicar o porquê de não haver mudança. Para exemplificar o que é dito, a falante cita o cargo de vereador na política brasileira, membros representativos dos municípios. Para os brasileiros, esse é um cargo comum, dessa forma a falante não precisou explicar a nomenclatura. No exemplo (9), a locução “de repente” exerce a função de modalizador epistêmico, em que a falante expressa a sua opinião acerca do fato descrito, o que é reforçado por termos como “acho”, que trazem a percepção do falante sobre o evento.

Embora de forma geral, aceite-se a necessidade de distinguir entre diferentes domínios da modalidade, nem sempre a classificação dos diversos valores

modais é consensual. Segundo diversos autores, a modalidade opera, pelo menos, em quatro domínios distintos: a- a capacidade e necessidade interna do participante, de acordo com suas opiniões pessoais e suas experiências; b- a modalidade externa ao participante, decorrente de uma situação que não depende dele, mas possível ou necessária de acordo com circunstâncias exteriores; c- a modalidade deôntica, ou seja, a conformidade a leis, normas e regras externas que vão permitir ou obrigar o participante a se envolver com algo ou vão impactá-lo e d- a modalidade epistêmica, relacionada à incerteza e à probabilidade (HENGEVELD, 1988; HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2004; NEVES 2002; VON FINTEL, 2006; IWAMOTO, 2007).

À separação de domínios brevemente mostrada acima, subjaz a distinção entre ponto de vista interno e ponto de vista externo da avaliação. Segundo Iwamoto (2007), o ponto de vista interno é caracterizado por uma visão mais subjetiva, que envolve mais diretamente o locutor, como no caso de uma história que é contada em primeira pessoa. E o ponto de vista externo é tomado como mais objetivo e neutro. Um exemplo seria contar uma história que tenha acontecido com outros personagens, em que o autor não estaria envolvido na trama. Esta diferença reflete o fato de que a modalidade pode estar associada tanto a sentidos baseados no âmbito social como no individual. Pode envolver um conjunto de regras ou princípios existentes na sociedade em questão ou em grupos específicos, ou, ainda, interesses pessoais, circunstâncias e objetivos.

A distinção entre modalidade externa e interna é tomada muitas vezes como equivalente à distinção entre *necessidade e possibilidade ou domínio epistêmico e deôntico*. Para Hengeveld (1988), por exemplo, a modalidade epistêmica está vinculada ao conhecimento de uma situação possível de acordo com a realidade do falante ou a uma hipótese, distinguindo-se, portanto da modalidade deôntica vinculada ao conhecimento de uma situação relacionada a um sistema de convenções ou contingências que são exteriores ao falante.

No entanto, como discute Barros (2012), com base em Lyons (1977), esta equivalência pode ser discutida, se considerarmos que possibilidade e necessidade estão envolvidas tanto na modalidade deôntica como na modalidade epistêmica. Barros (2012) explica que, no domínio epistêmico, possibilidade ou necessidade está relacionada à verdade da proposição e tem a ver com o conhecimento do falante, podendo ser subjetiva ou objetiva. A possibilidade é subjetiva quando o falante expressa sua avaliação ou seu conhecimento acerca da realidade de um estado de coisas, colocando-se no enunciado “eu-digo-assim” e objetiva quando o falante apresenta a proposição como um fato, legitimamente comprovado “isto-é-assim”.

No domínio deôntico, lidamos com circunstâncias externas como regras ou normas sociais ou morais, trata-se de permissão ou obrigação sobre um estado de coisas, que não competem mais ao falante e, por isso, envolvem menor subjetividade. A respeito da modalidade deôntica, Barros (2012) destaca a posição de Coates (1983) que prefere falar numa distinção entre modalidade epistêmica e modalidade de raiz, este último entendido como um conceito mais amplo,

A modalidade de *raiz* abrange noções como permissão, obrigação, bem como as noções de necessidade e obrigatoriedade, enquanto a modalidade *epistêmica* refere-se às suposições ou avaliações de possibilidades, indicando o grau de confiança (ou falta de confiança) do falante em relação à verdade expressa. (BARROS, 2012, p.53)

A modalidade de raiz abrangeria então conceitos como permissão, obrigação, necessidade e obrigatoriedade, sendo esses conceitos externos ao falante, como já foi dito anteriormente, e a modalidade epistêmica seria relacionada a um posicionamento do falante em relação ao que está sendo dito.

O foco central do nosso estudo, os usos da construção “de repente”, envolve principalmente a modalidade epistêmica. Através de modais epistêmicos, o locutor expressa seu julgamento sobre a verdade da proposição vinculado

aos seus conhecimentos, suas crenças ou sua percepção de mundo. Este julgamento é expresso na forma de um compromisso, podendo envolver diferentes graus de certeza de acordo com a sua percepção quanto à relação entre os fatos. Para exemplificar esta perspectiva, tomemos um exemplo de uso “de repente” extraído de uma das amostras de fala utilizadas nesta pesquisa.

- (10) “...**de repente** nesse final de semana eu já vou logo compro logo antecipado pra não pagar mais caro... acho que eu vou lá assistir logo esse, tem um monte de filme agora, né? Bom, né? Pra assistir, né? Aí vai dar pra escolher ainda, né?” (Amostra PortVix-CÉL35-homem, faixa etária 2, ensino superior)

Podemos dizer que a modalidade epistêmica é menos evidente que a modalidade deôntica por expor um ponto de vista interno, individual, ou seja, uma visão subjetiva do locutor acerca da realidade ou realização dos fatos, como mostra o exemplo (10), em que o falante comunica a possibilidade de comprar logo o ingresso para assistir ao filme. Linguisticamente, esta subjetividade pode ser manifestada pelo uso de diferentes formas (advérbios, verbos, adjetivos ou perífrases verbais) que denotam incerteza, possibilidade, probabilidade ou certeza sobre os acontecimentos ou as situações descritas. Elementos modais epistêmicos expressam uma conceitualização particular/individual do mundo, marcando claramente o grau de comprometimento do falante com a proposição. Constituem, portanto, um amplo campo para estudo de fenômenos de gramaticalização, se considerarmos que a maioria dos elementos que expressam modalidade epistêmica derivam de formas mais lexicais.

O fato de que possibilidade e necessidade constituem dois polos de um *continuum* em que podem se distinguir diferentes graus torna difícil, em muitos casos, a tarefa de definir o tipo de modalidade de que está investido um enunciado. Segundo Von Stechow (2006, p.1), o conjunto de mundos possíveis é que vai determinar se se trata de possibilidade ou necessidade,

ou seja, está ligado à restrição do conjunto de mundos que será ativado para atribuir um valor de verdade à proposição. Esses mundos são associados ao falante e é de acordo com o mundo em que esse locutor está inserido que a proposição será avaliada. Para o autor, a modalidade epistêmica diz respeito ao que é conhecido ou com a evidência disponível no mundo da avaliação, ou seja, disponível a uma situação possível em um sistema de costumes e práticas ao qual o falante está inserido.

A dificuldade aumenta se considerarmos que o mesmo elemento pode expressar sentidos diversos que só podem ser determinados no contexto. Mesmo que expressões modais possam incorporar sentidos específicos, a sua interpretação depende de pistas fornecidas pelo contexto discursivo. Esse contexto é definido por Mira Mateus et al. (2003) como a “situação onde tem lugar um dado comportamento linguístico constituído por um enunciado.” O contexto vai ajudar na interpretação do enunciado realizado pelo falante, na medida em que fornece pistas acerca da forma como o falante convoca normas, princípios ou crenças da sua experiência para sustentar sua avaliação das proposições. O exemplo (11) mostra claramente a forma como elementos do contexto contribuem para tornar mais explícita a avaliação subjetiva do locutor em relação a um estado de coisas.

(11) **E:** “Olha só agora em relação assim a relacionamento que você acha que hoje os casamentos eles não tão durando mais tanto assim quanto antigamente?”

F: “Não sei né mais...porque...porque é essa onda de ficar, né, ficar...começando ficar já não...você fica com uma fica com duas...com uma alí, fica com três pessoas na mesma festa, talvez por isso esteja ajudando... agora no casamento eu não sei te falar, né? Teria que perguntar pra uma pessoa com mais experiência no casamento...não sei, né? **De repente** a pessoa acha que é isso é namora, namora, namora, namora, aí se quando resolve casar parece que a pessoa muda...” (Amostra PortVix - CÉL35, grifos nossos- homem, faixa etária 2, ensino superior)

No exemplo (11), o entrevistador pergunta ao informante a sua opinião acerca do casamento, o que implica, portanto, a expressão de uma posição individual. O falante utiliza a locução “de repente” com função de modalizador epistêmico em um contexto onde coocorrem diversos outros elementos (não sei”, “talvez”, “acho”) que enfatizam a probabilidade da asserção, ou seja, sinalizam o menor comprometimento do falante com o conteúdo expressado, situando-o, assim, no domínio do que é possível. O falante justifica este posicionamento em termos do seu pouco conhecimento do que ocorre em um casamento, já que não é casado. Como mostraremos no capítulo 4, a presença de elementos modais podem ter influenciado a locução “de repente” a desempenhar função de modalizador epistêmico.

As entrevistas sociolinguísticas que constituem as amostras usadas neste estudo são um gênero de fala favorável à ocorrência de modais epistêmicos, visto que os indivíduos são solicitados a emitir opiniões pessoais sobre tópicos diversificados. Dessa forma, percebemos a recorrência de um discurso com manifestações de incerteza sobre a proposição enunciada, pois a expressão da subjetividade é muito comum nas conversas menos formais.

Capítulo 3

Amostras e Procedimentos Metodológicos

Neste capítulo, descreveremos os *corpora* e apresentaremos os procedimentos metodológicos que foram utilizados no desenvolvimento desta pesquisa. Visto que nos respaldamos nos modelos teóricos que priorizam o uso real da linguagem, a análise foi realizada a partir de dois *corpora* representativos de duas comunidades linguísticas, do Rio de Janeiro e de Vitória, constituídos a partir de situações reais de comunicação, a fim de verificar o grau de extensão do uso inovador de “de repente” através da comparação do uso em duas cidades brasileiras.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de um estudo da mudança em tempo aparente, que toma como base a existência da diacronia dentro da sincronia. Nossa análise busca identificar os fatores que motivam a gramaticalização da locução “de repente” como modalizador epistêmico. Assim, destacamos o caráter quantitativo e qualitativo da nossa análise. A análise quantitativa se dá pelo tratamento dos dados por meio de técnicas estatísticas que ajudam a explicar quais as propriedades associadas a cada um dos usos da locução “de repente”. A análise qualitativa envolve a análise detalhada do contexto de ocorrência de cada dado e suas possíveis ambiguidades.

3.1 Sobre os *corpora*

Os *corpora* a serem analisados consistem de entrevistas orais, mais especificamente entrevistas sociolinguísticas, realizadas com base na metodologia da Sociolinguística Variacionista, que propõe métodos para obtenção de registros linguísticos que permitam a emergência de estilos mais casuais (o uso vernáculo), ou seja, o registro utilizado pelos falantes em

situações em que não monitoram a própria linguagem. Como já destacamos, apesar de a entrevista sociolinguística não ser um situação interacional inteiramente natural, tal metodologia permite, por exemplo, criar situações, como as narrativas pessoais, em que, ao narrar fatos pessoais, o falante se preocupa mais com o que falar do que com como, o que permite uma fala mais natural (TARALLO, 1985), um aspecto de interesse deste estudo, já que, ao que tudo indica, “de repente” é mais recorrente nestes registros (PONTES, PETERSON, 2009; SIQUEIRA, 2014).

Para a realização deste estudo, são utilizadas duas amostras estratificadas: a Amostra PortVix – Português falado na cidade de Vitória (YACOVENCO et al., 2012), constituída de amostras de fala de informantes da cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, e a Amostra Censo 2000 (PAIVA; DUARTE, 2003) - organizada por membros do grupo PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) – com falantes da cidade do Rio de Janeiro²⁷. Ambas as amostras foram constituídas nos anos 2000 e incluem apenas falantes nascidos na cidade.

As amostras das duas comunidades são estratificadas de acordo com as variáveis sexo, idade e nível de escolaridade. Quanto à variável sexo/gênero, ambas incluem falantes masculinos e femininos e para a variável idade, os informantes das duas comunidades foram agrupados em quatro faixas etárias (de 7 a 14 anos, de 15 a 25 anos, de 26 a 49 anos e de 50 anos em diante). Distinguem-se apenas quanto à escolaridade. A Amostra PortVix inclui falantes de ensino fundamental, médio e superior e a Amostra Censo 2000 inclui apenas falantes do ensino fundamental, subdivididos em fundamental 1 e 2, e ensino médio. Além disso, a Amostra PortVix reúne 46 entrevistas e os informantes satisfazem o critério de, além de serem naturais de Vitória, serem filhos de pais capixabas, ou de pessoas que vieram morar na cidade até os cinco anos de idade. A Amostra Censo 2000, por sua vez, é composta por 32 entrevistas com falantes cariocas, mas não necessariamente filhos de cariocas. Nas duas amostras, os falantes foram

²⁷ Disponível no *site* www.lettras.ufrj.peul/amostras.

distribuídos aleatoriamente por diferentes bairros da cidade.

A utilidade de trabalhar com essas duas amostras estratificadas é que elas viabilizam a comparação de duas comunidades distintas e aproximam-se quanto à data de gravação das entrevistas. A identidade do indivíduo se constitui também a partir do processo de fala, que é compartilhado com aqueles do mesmo grupo, da mesma comunidade de fala, em que os falantes partilham dos mesmos valores associados aos usos linguísticos, permitindo ao pesquisador identificar como as variantes linguísticas assumem significado social (LABOV, 2008 [1972]).

A seguir apresentamos duas tabelas com a distribuição dos falantes da Amostra PortVix e da Amostra Censo 2000:

Tabela 1 – Distribuição Amostra PortVix – Vitória.

Idade	07-14		15-25		26-49		50-...		
	H	M	H	M	H	M	H	M	
Ensino fundamental	4	4	2	2	2	2	2	2	20
Ensino Médio			3	3	2	2	2	2	14
Ensino Universitário			2	2	2	2	2	2	12
Total de entrevistas	4	4	7	7	6	6	6	6	46

Tabela 2 – Distribuição Amostra Censo 2000 – Rio de Janeiro.

Idade	07-14		15-25		26-49		50-...		
	H	M	H	M	H	M	H	M	
Ensino fundamental 1	1	1	2	2	2	2	2	2	16
Ensino fundamental 2	1	1	2	2	2	2	1	1	16
Ensino Médio			1	1	1	1	1	1	6
Ensino Universitário									
TOTAL	2	2	5	5	5	5	4	4	32

A conjugação das três variáveis (sexo/gênero, idade e escolaridade²⁸) resulta em uma distribuição dos falantes em células preenchidas de forma aleatória que podem ser tomadas como representativas de grupos sociais distintos e garante maior observação da influência das variáveis externas à língua sobre o fenômeno em estudo.

3.2 Tratamento metodológico dos dados

A fim de analisar o uso de “de repente” no português falado contemporâneo, fizemos um levantamento de todas as ocorrências desta locução em cada uma das entrevistas. Na análise das duas amostras, foram identificados usos outros da locução “de repente” que aqueles previstos nas gramáticas tradicionais, uma multifuncionalidade já mostrada em alguns trabalhos (PONTES PETERSON, 2009; SIQUEIRA, 2014). Nos *corpora* em análise quatro possibilidades de uso, ou funções semânticas distintas desta locução, além de casos ambíguos, foram identificados:

- Locução preposicional de tempo

(12) “...ele chegou pra mim e falou bem assim “não vai dar pra mim ir”, aí eu fiquei toda triste, aí **de repente** eu tô conversando com meu pai assim... ele chega atrás de mim... aí meu pai é muito brincalhão, né? Esse meu padrasto, não meu pai... ele: “Não vai ter nenhum beijinho não?” (Amostra PortVix - CÉL11 – mulher, faixa etária 2, ensino fundamental)

No exemplo (12), a locução “de repente” aparece com valor de advérbio de tempo, o sentido prototipicamente atribuído a esta locução pelas gramáticas e dicionários. Neste emprego “de repente”, situa um estado de coisas no tempo com o sentido de “imediatista”, um corte abrupto no tempo.

²⁸ Optamos por não analisar a variável escolaridade, pela necessidade de tratamento dos dados devido à divergência nos níveis de ensino entre as duas amostras.

- Locução preposicional de modo

(13) “...trabalhava na igreja... aí saí **de repente** e fui pra igreja Evangélica, né? E eu perdi muita coisa também, na igreja Crente.”
(Amostra PortVix - CÉL15 – mulher, faixa etária 3, ensino fundamental)

Em (13), “de repente” funciona como um advérbio de modo, indicando a forma como ocorreu um determinado estado de coisas, no caso a saída da falante da igreja Crente. Nessa acepção, percebemos resquícios da forma prototípica, de advérbio de tempo, pelo seu sentido como algo que ocorre em algum momento e, sob certos aspectos, a noção de repentino. A transição de um sentido para o outro pode ser percebida pelo contexto em que o elemento está inserido. Nestes casos “de repente” encontra-se, geralmente, após o verbo, localizando-se no fim da oração, diferentemente dos casos em que a locução aparece com sentido de advérbio de tempo, em que “de repente” aparece no início da oração, anteposta ao verbo.

- modalizador epistêmico

(14) “Mais difícil? Eu acho que foi a Rural, porque eu apesar de eu ter ido lá pedir eu num acreditava muito que eu ia conseguir não, porque antes eu tentei isenção e não havia conseguido, e eu fui, eu apresentei os mesmos documentos, as mesmas coisas, as mesmas informações que eu havia apresentado antes, por isso eu não sei porque, porque antes na primeira vez eu num consegui, agora eu consegui, eu num sei dizer porque isso aconteceu. **De repente** na primeira vez a pessoa não acreditou, falou: “Não, não é possível, esse cara num deve conseguir sobreviver só com isso. Ele tá querendo me enganar, depois ele, não, deve ser verdade, não é possível.” (Amostra Censo 2000 - T13 – homem, faixa etária 2, ensino médio)

Como modalizador epistêmico, “de repente” indica a possibilidade de ocorrência de um fato, expressando, portanto, uma atitude do falante em relação ao próprio fato. No exemplo citado, o entrevistado apresenta menor comprometimento com o estado de coisas “acreditou”. Numa escala de possibilidade, podemos dizer que, a locução apresenta o fato como algo provável. Nesta função, a locução “de repente” constitui uma estratégia de atenuação e pode ser acompanhada de outros elementos “atenuantes”, como: “se”, “até”, “pode ter”, “não sei”, “vamos dizer assim”, “sei lá”, “eu acho que”, “poderia”, “mas”, “pudesse”, “deve ter” etc. É interessante observar ainda que no exemplo (14), o discurso que antecede a locução “de repente” deixa claro que o falante não possui conhecimento acerca das razões que levaram ao fato. Portanto, qualquer afirmação sua acerca destas razões constitui uma explicação possível, uma hipótese a considerar.

- marcador discursivo

(15) “Vocês sabia...sabia disso? Que o cara que estuda...línguas em alguns países, assim, da Europa e tal...**de repente** não sei se nos Estados Unidos é assim.” (Amostra Censo 2000 - T23 – homem, faixa etária 3, ensino médio)

O marcador discursivo tem a função de preenchedor de pausa no discurso, organizando a sequência das informações. Visto que a pesquisa foi realizada com amostra de entrevistas orais, muitas vezes a linearidade do discurso pode ser perdida, pois a fala, diferentemente da escrita, não é previamente planejada. Há uma constante improvisação e, em alguns momentos, existem vácuos que o falante procura preencher até reestruturar seu pensamento. Na prática comunicativa, o falante produz seu discurso no momento da fala e, por isso, ela precisa ser constantemente reorganizada. No exemplo (15), a locução aparece sem significado aparente, apenas como uma pausa no fluxo do discurso, organizando o enunciado para chegar a uma conclusão.

- ambíguo

Da forma como estão apresentadas as funções da locução “de repente” até este ponto, pode-se ser levado a crer numa separação nítida entre estes usos/funções da locução, porém, na verdade, estes valores podem se superpor na mesma ocorrência, dando origem a casos ambíguos. Nas amostras encontramos a superposição entre as funções de tempo e de modo, que chamamos ambíguo 1; e a superposição de tempo e de modalizador, que chamamos de ambíguo 2.

- (16) **E:** Cê num iria não? Por quê? Cê tem receio, tem medo de lá?
 F: Eu num gosto de bagunça, não, assim, tumulto essas coisa, gente, muita gente, tu...pra entrá é uma confusão só, um empurra-empurra...
 E: Cê tem medo de sê assaltado lá?
 F: Assaltado não, ruim é um...**De repente** vi um galerão pra cima de você...” (Amostra Censo 2000 – homem, faixa etária 2, ensino fundamental)

- (17) “...não tem nada...não e pior que isso... você pega uma pessoa que não tem conhecimento nenhum...**de repente** ele faz aí um...um desses supletivo...daqui a três, quatro ano, ele tá fazendo formação de professor... e aí você tem pessoas que estudou seis ano e tá dando aula... o menino não tem educação nenhuma... não é, não é culpa da pessoa... não tou dizendo que seja culpa da pessoa...” (Amostra PortVix –CÉL42 – homem, faixa etária 4, ensino superior)

Há, no exemplo (16), ambiguidade entre os valores de tempo e de modo, uma vez que há um cruzamento semântico entre as duas circunstâncias em que se inscreve a locução “de repente”. Embora haja maior saliência do sentido de modo, com a possibilidade de substituir a locução “de repente” por “de modo súbito; repentinamente”, não podemos descartar um tempo suposto em que a locução carrega em si um tênue sentido de tempo, assegurado pela interpretação: “ruim é no momento em que um galerão vem pra cima de você” em que “de repente” admite também uma interpretação temporal.

No exemplo (17), a interpretação de “de repente” como advérbio de tempo ou modo fica mais comprometida, embora se possa entender que o falante expressa que alguém pode de súbito (inesperadamente) fazer um supletivo. No entanto, há um certo desacordo entre o valor temporal “de súbito” e o estado de coisas “fazer um supletivo”. Como um curso supletivo necessariamente se estende ao longo do tempo, ele não pode ser feito de forma súbita, imediata. Este desacordo entre a locução e o estado de coisas descrito permite a emergência do valor de modalizador, autorizando que a locução seja interpretada como talvez ou é possível.

Os casos de ambiguidade, estágio natural em processos de gramaticalização, exemplificam bem uma transição no percurso de extensão de sentidos, como apontado por Heine (2003). A extensão, relacionada a uma ampliação de sentidos, é possível pelo fato de que, em algum momento, um item passa a ser usado em contextos em que não era usado antes.

Estes diferentes usos de “de repente” são analisados sob a perspectiva de aspectos de natureza distinta: linguísticos e sociais. A hipótese principal do nosso estudo é a de que a emergência de um ou outro destes diferentes valores semânticos e funções pode estar associada a diferentes contextos caracterizados tanto por propriedades morfológicas e sintáticas como semântico-discursivas. É isto que justifica a análise dos usos desta locução sob diferentes aspectos ou propriedades dos contextos em que elas ocorrem.

A seguir, apresentaremos as propriedades consideradas neste estudo, focalizando primeiro as variáveis linguísticas e depois as sociais. A fim de facilitar a leitura dos dados, mantivemos as siglas e numerações marcadas nos arquivos dos *corpora*. Dessa forma, após cada exemplo, está inserida a numeração e a sigla do arquivo.

3.2.1 Tipo de processo codificado na oração

Como já dissemos, um dos objetivos centrais deste estudo é o de identificar as propriedades com que cada um dos seus valores semânticos está mais frequentemente associado. Uma das nossas hipóteses é a de que o tipo de processo codificado na oração pode agregar maior subjetividade à locução. Para a análise de tipo de processo, tomamos como base a classificação proposta por Halliday e Matthiessen (2004), que consideram seis categorias maiores: processo material, processo mental, processo relacional, processo comportamental, processo verbal e processo existencial. Além destes, acrescentamos como uma categoria distinta, os verbos modais, não incluídos na classificação dos autores. Estes diferentes processos são exemplificados no quadro 3:

Material	(18) “...cê sempre tem ali...o carinho da mãe né? Com...morando junto com a mãe e sozinho, não, sei lá eu fi...se, se de repente eu for morar longe... da minha mãe... tipo assim ela mora aqui em vitória e eu vou morar lá em cariacica aí eu vou, vou começar a trabalhar vou ver ela só no final de semana... aí cadê? morreu... morreu aquele...aquela carisma... morreu aquela... aquele calorzinho da mãe...” (CÉL11 - mulher, faixa etária 2, ensino fundamental)
Mental	(19) “...se eu gostasse de uma mulher de trinta e cinco porque não? Não tem porque não, se de repente eu gosto dela, eu vou ficar junto...” (CÉL35 – homem, faixa etária 2, ensino superior)
Relacional	(20) “Aí depende muito do gosto de cada um né? Se em termos de opção de noturna sempre tem, cê pode ir pra Curva da Jurema pra quem gosta, então, cê pode ir pra uma boate, cê pode sentar num barzinho lá na Lama, toma uma cerveja, acho que a opção não falta o negócio é disposição é quem... tá procurando e... de repente cê tá entrosado com a turma que... tá sempre

	saindo essas coisas assim pra te motivar também...” (CÉL39 – homem, faixa etária 3, ensino superior)
Comportamental	(21) “Meu filho caiu de dois metro. O de três ano [E : Meu Deus!] ficô todo mole, todo se bateno, não reagia. Aí de repente começô a dormí, num parava. Foi atendido sabe aonde? Minha prima correu, meu primo, botô ele no carro, e tava numa festa, dessa minha tia que fez oitenta ano, e aconteceu no outro dia essa...esse desastre todo.” (Amostra Censo 2000 - T08 – mulher, faixa etária 2, ensino fundamental)
Verbal	(22) ...sabe quando uma pessoa... você tá andando na rua e querem metê a mão no teu bolso? Aí você observa, tem dois, um passa na frente e o outro fica atrás, aí, de repente , você fala - eu como sô homem sempre falo - "Ó, aqui tu não vai arrumá nada aqui, se quisé alguma coisa aqui, tu vai ganhá um tapa no... na cara, então, você rapa fora, que aqui tu num vai arrumá nada." Então, uma reação de um homem cum um cara, assim de frente, fica ruim...” (Amostra Censo 2000 T19 – homem, faixa etária 3, ensino fundamental)
Existencial	(23) “Negócio é previni, né, mas se de repente , aparecê, tem que assumi, tem que dá uma de responsável.” (Amostra Censo 2000 T06 – homem, faixa etária 2, ensino fundamental)
Verbo Implícito	(24) “Ou você sai sozinho ou você fica em casa. Entendeu? Tem gente que leva, mas é perigoso. Eu acho que é perigoso. Não pro cara chegá lá e querê cantá a mulher do outro, não é nada disso. De repente , a violência também, entendeu? Na hora de corrê ‘Ah, uma briga ali, um tiroteio ali!’ Tem como você corrê, tem como você se protegê. Agora, você já com a mulher não.” (Amostra Censo 2000 T19 – homem, faixa etária 3, ensino fundamental)
Verbo Modal	(25) “Mas várias coisas! Poderia de repente , o quê? Cinco mil daria pra um, que eu acho que já é uma quantia que,

	né?!” (Amostra Censo 2000 T14 – mulher, faixa etária 2, ensino fundamental)
--	---

Quadro 3: Tipos de processos verbais a que “de repente” está associado na sentença.

A teoria da transitividade de Halliday e Matthiessen (2004) toma como ponto de partida a experiência, entendida como um fluxo de eventos. Para os autores, esta experiência é codificada nas línguas de diferentes formas: processo de fazer, acontecer, sentir, dizer, ser ou ter e que se desenvolvem ou não através do tempo, envolvendo não só o verbo e os seus participantes como também as circunstâncias a ele ligados. Estas experiências podem ser codificadas nas línguas de diferentes formas.

Os autores vão chamar de oração material, as orações de fazer e acontecer em que uma entidade (um ator) faz algo constituindo uma ação de mudança. No exemplo (18), o falante fala da possibilidade de se mudar, sendo “mudar” a ação de mudança.

As orações com processos mentais estão relacionadas à nossa experiência interior, ao mundo da consciência. São orações de sentir, são os processos de afeição, cognição e percepção. Em (19), a ação de gostar é um processo de afeição.

Os processos relacionais são aqueles em que existem duas partes do ‘ser’: algo é dito ‘ser’ outra coisa, ou seja, as orações atributivas. O estado de coisas é modelado como sendo localizado no espaço, em forma de posse ou de atribuição de uma qualidade a uma entidade, normalmente um sintagma nominal. Por exemplo, em (20) “**de repente** cê tá entrosado”.

As orações comportamentais expressam processos psicológicos e fisiológicos inerentes ao ser humano, como ouvir, respirar, assistir, como em (21), o processo fisiológico de dormir: “Aí **de repente** começô a dormi”. No exemplo (22) temos um exemplo de processo verbal, ou seja, um processo de dizer em que há a projeção da fala de outro.

As orações existências são os processos que indicam que algo existe ou acontece, como no caso do exemplo (23), a possibilidade de acontecer uma gravidez.

Em alguns dados, a locução “de repente” não está relacionada a nenhum verbo ou o verbo fica implícito no contexto. Esses casos foram codificados como “verbo implícito”, como em (24). Em (25) “de repente” está ligado a um verbo modal, que neste caso expressa possibilidade.

A hipótese inicial era de que a função de modalizador seja mais frequente em orações que codificam processos mentais, pois neste caso as orações estão relacionadas à nossa experiência interior do mundo da consciência, são processos de percepção, que, de certa forma, possuem também valor modal.

3.2.2 Tempo e modo verbal

A fim de identificar com mais precisão as características morfológicas do contexto que serão mais importantes no processo de gramaticalização do “de repente”, consideraremos também o tempo e o modo da forma verbal com que se liga a locução “de repente.”

Pontes e Peterson (2009) já constataram que a maioria dos verbos aos quais “de repente” está relacionado se encontra no modo indicativo, principalmente quando possui função de advérbio temporal. As autoras também perceberam que os casos em que “de repente” aparece com valor dúvida ocorrem predominantemente com verbos no modo subjuntivo. Sendo assim, iniciamos esta análise modo temporal com a hipótese de que os casos em que o “de repente” é identificado com função de modalizador epistêmico estejam no modo subjuntivo.

Neste estudo, controlamos as seguintes possibilidades de modo e tempo do

verbo, distinguindo, ainda, os casos em que “de repente” está associado às formas nominais ou não está relacionado a nenhum verbo ou em que o verbo está implícito.

- Presente do indicativo
- Pretérito Perfeito do indicativo
- Pretérito Imperfeito do indicativo
- Pretérito Mais que perfeito do indicativo
- Futuro do Pretérito do indicativo
- Futuro do Presente do indicativo
- Futuro do Subjuntivo
- Presente do Subjuntivo
- Forma nominal
- Verbo implícito

3.2.3 Posição da locução “de repente” na sentença:

Incluimos a posição da locução como uma variável, a fim de identificar se há influência desse fator no valor semântico expresso pela locução “de repente”. Como já mostraram diversos autores, em especial Traugott (2003, 2010), processos que envolvem o desenvolvimento de significados mais subjetivos estão estreitamente relacionados à posição do elemento na sentença. Vários estudos sugerem que quanto mais subjetivos são os elementos linguísticos, mais eles são usados em posições periféricas. Estudos sobre “de repente” já mostraram correlação entre o significado assumido pela locução e sua posição na oração e concluíram que a presença da locução é mais frequente anterior ao verbo, na posição inicial (PONTES E PETERSON, 2009; SIQUEIRA, 2014).

Aproximando-se da análise realizada por Siqueira (2014), a posição da locução na oração foi formulada em relação ao verbo, como estão descritas

abaixo:

- Primeira posição (P1): margem esquerda ou início da oração
- Segunda posição (P2): é uma posição em que “de repente” fica entre o sujeito e o predicador (o verbo principal da oração) com que ele está relacionado.
- Terceira posição (P3): entre o verbo e o complemento
- Quarta posição (P4): posição final da oração.

Especificadas e exemplificadas no quadro 4:

Primeira posição (P1):	(26) “Fumava um cigarro horrível, que estava matando ele. De repente sei não deixa que ele não tinha embarcado o ano não. Tinha morrido.” (Amostra Censo 2000 T28 – mulher, faixa etária 4, ensino fundamental)
Segunda posição (P2):	(27) “Pô, os cara... de repente não tem... assim um... um dos quesitos que falam que pro cara se...tê condição de dá aula é o cara tê nível superior...” (Amostra Censo 2000 T23 – homem, faixa etária 3, ensino médio)
Terceira posição (P3):	(28) “De certa forma isso é verdade porque isso não saiu do nada, num foi de repente alguém que falou: “Não, vamos discriminá os advogados”. Foi algo que eles mesmos conquistaram com seus atos.” (Amostra Censo 2000 T13 – homem, faixa etária 2, ensino médio)
Quarta posição (P4):	(29) F: “E eu marquei bobeira, porque eu já tava engordando e o médico tava falano comigo e eu não tava fazeno o que ele tava mandano. E: Hum, hum. F: Aí eu vi legal, que ele falou pra mim: “Tá brabo, hein, tu tá muito nova, qualquer dia você pode dá o pifo, pifá de repente ”. Eu falei: “Então já parei.” Minha mãe faz até minha comida separada.” (Amostra Censo 2000 – T15 – mulher, faixa etária 2,

	ensino fundamental)
--	---------------------

Quadro 4: Posição de “de repente” na sentença.

No exemplo (26), “de repente” está localizado no início da oração e nessa posição, geralmente, a locução incide sobre toda a sentença. Já em (27) a locução localiza-se entre o sujeito e o verbo, incidindo sobre o verbo. No exemplo (28) “de repente” posiciona-se entre o verbo e o complemento e no exemplo (29), a locução aparece no final da oração.

3.2.4 Elementos intervenientes entre a locução e o predicado:

Percebemos nos nossos dados casos de elementos intervenientes (interposição de material linguístico) que ficam posicionados entre o “de repente” e o estado de coisas com que ele está relacionado, por este motivo, resolvemos controlar este fator, a fim de verificar em que medida maior ou menor proximidade em relação ao verbo influencia o significado da locução. Assim, separamos os casos em que há elementos intervenientes (presença) e os casos em que não há (ausência), como mostrado no quadro 5.

Presença de elementos intervenientes	(30) “...pra mim foi meio que complicado assim...porque eu não...não...não sou...não estou muito acostumada a lidar com essas perdas né? Todos os vestibulares que eu fiz ... eu passei ... todas as ... entendeu? E de repente agora ... <u>eu fui fazer a prova do ... do ... pro inglês</u> e eu não consegui ... não ... então eu ... voltei a estudar inglês ... pra ... até pra me... pra melhorar ... o meu nível e ver se eu consigo um melhor resultado.” (Amostra
--------------------------------------	--

	PortVix - CÉL41 – mulher, faixa etária 3, ensino superior, grifos nossos)
Ausência de elementos intervenientes	(31) “...aí já fiquei preocupada eu era assim... a maior entre todos... eu fiquei preocupada que os três... foram comprar refrigerante... aí eu meu deus! Que que eu vou fazer? Senhor...pela Amor de Deus! Livra o...eles de repente eles sumiram mi... num voltaram mais...eu acho assim se eu num... pedisse o senhor que ele é poderoso, lógico! Eu acho que eles iam continuar fazendo...” (Amostra PortVix - CÉL11 – mulher, faixa etária 2, ensino fundamental)

Quadro 5: Presença ou ausência de elementos intervenientes entre a locução e o predicado

No exemplo (30) “de repente” incide sobre “eu não consegui”, porém, entre a locução e o estado de coisas com que ela se relaciona há uma sentença interveniente: “eu fui fazer a prova do...do...pro inglês”, a qual se posiciona entre os elementos aqui analisados. Já no exemplo (31), a locução “de repente” e o elemento afetado por ele estão seguidos um do outro: “de repente’ eles sumiram”.

A hipótese para o aparecimento dessas interposições, é a de que nos casos em que o entrevistado apresenta o seu ponto de vista, ou seja, sua avaliação, podem ocorrer mais elementos intervenientes, uma vez que o falante procura explicar sua perspectiva, esclarecendo a situação, para melhor entendimento do interlocutor e para aproximá-lo de seu posicionamento.

3.2.5 Ocorrência de marcas de modalização

Investigamos a presença ou ausência de elementos de modalização no

contexto em que ocorre a locução “de repente”, de forma a verificar em que medida o valor epistêmico desta construção poderia ser explicado pela incorporação de traços do contexto. Em outros termos, procuramos verificar se a gramaticalização de “de repente” poderia ser explicada como consequência de um processo metonímico, pela presença de outros elementos modais na oração.

Presença	(32) “Depois que eu botasse a minha família em dia, entendeu, e eu também tivesse em dia, aí sim, né? fazê um levantamento. Quanto sobrou disso tudo, né? <u>Se</u> eu pudesse de repente – dependendo do dinheiro que eu ganhasse – eu <u>podia</u> até de repente assim escolhê um lugar que eu <u>poderia</u> ajudá.” (Amostra Censo 2000 T19 – homem, faixa etária 3, ensino fundamental)
Ausência	(33) “Fernando Collor foi criação da Globo completamente... foi colocado lá... o cara não existia nas pesquisas ele era um mero prefeito de Alagoas... inexistia... de repente ele se tornou...o boa pinta entendeu? Aquele cara que andava de jet-ski...” (Amostra PortVix – CÉL37 – mulher, faixa etária 2, ensino superior)

Quadro 6: Presença ou ausência de elementos modalizadores.

Em muitos casos, a locução “de repente” ocorre em contextos em que estão presentes outros elementos de modalização. No exemplo (32), tais elementos como “se”, “podia” e “poderia” (grifos nossos), modalizam uma hipótese de ocorrer um fato apresentado pelo falante e a sua atuação diante de tal fato. Essas marcas de modalização podem influenciar na função assumida pela locução “de repente”, favorecendo sua interpretação como modalizador epistêmico.

Conforme já expusemos, os dados recolhidos são provenientes da modalidade oral, coletados em amostras estratificadas de acordo com variáveis sociais. Esta estratificação das amostras nos permite não só tentar identificar o percurso da locução “de repente”, principalmente através da variável idade, como também verificar se os seus diferentes valores semânticos/ funções estão de alguma forma correlacionados com

características sociais dos falantes. São considerados neste estudo os seguintes grupos de fatores extralinguísticos:

3.2.6 Faixa etária do falante

Como já discutido na seção 2.4, a mudança nas línguas é gradual, ocorre com o tempo, instalando-se, portanto, na continuidade das diferentes gerações. Este pressuposto central da Sociolinguística Variacionista pode ser verificado através da análise da distribuição de formas por diferentes grupos etários, como já explicamos na seção 2.4. Se a forma inovadora é mais utilizada pelos mais jovens e a forma conservadora é mais utilizada pelos mais velhos, isso pode ser um indicio de uma mudança em progresso.

Dentro desta perspectiva, nossa hipótese de que a locução “de repente” está em trajetória de gramaticalização pode encontrar evidência mais segura se o uso mais recente, a locução com valor semântico de modalizador, predominar entre os falantes mais jovens, e os outros usos, mais como o de advérbio de tempo, forem mais frequentes na fala dos falantes das faixas etárias mais velhas.

Como já dissemos, as duas amostras que constituem o corpus desta pesquisa são perfeitamente comparáveis na segmentação de faixas etárias: de 07 a 14 anos; de 15 a 25 anos; de 26 a 49 anos; e acima de 50 anos.

3.2.7 Gênero

A variável sexo/gênero é relevante, pois existem diferenças na forma de falar e no uso linguístico entre homens e mulheres, principalmente, pela posição social distinta atribuída aos dois. Nos estudos sociolinguísticos, estratificados

de acordo com o gênero, há evidências de que as mulheres utilizam as variantes de maior prestígio mais do que os homens, mesmo estando no mesmo contexto e pertencendo a mesma classe social e faixa etária, utilizam as formas padrão, não estigmatizadas (Labov, 2008[1972]); Chambers, 1995). Chambers (1995) explicita ainda que em sociedades em que os papéis de gênero são muito distintos essa discrepância possivelmente será mais visível. Labov (2008[1972]), por meio de vários estudos, afirma que “a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística”.

No caso do fenômeno em estudo não há estigma social, porém há uma forma mais antiga e uma forma mais inovadora e observaremos se há uma preferência feminina pela forma conservadora.

Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada (...) as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança do processo. (PAIVA, 2003, p.32)

Dessa forma, a fim de verificar se podemos comprovar essa tendência de que as mulheres utilizariam as formas mais conservadoras, enquanto os homens as formas mais inovadoras, investigamos a correlação entre o uso de “de repente” e a variável gênero nas amostras utilizadas. No caso da mudança da locução “de repente”, a forma conservadora seria a função prototípica da locução como advérbio de tempo e modo e a forma inovadora seriam os casos ambíguos e a função de modalizador epistêmico. Segundo Labov (2008, p. 348)

A diferenciação sexual dos falantes não é, portanto, somente um produto de fatores físicos, ou de diferentes quantidades de informação referencial fornecida por eles, mas, sim, uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para outro.

Após serem codificados de acordo com os aspectos descritos no quadro 6, os dados foram submetidos a uma análise estatística que permite verificar

sua distribuição de acordo com cada fator, realizada por meio do conjunto de programas Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005)²⁹. Desta forma, é possível identificar o conjunto de características mais fortemente correlacionadas a cada um dos significados de “de repente” e traçar com maior precisão a trajetória de gramaticalização da locução.

²⁹ O uso do Goldvarb X (programa de tratamento quantitativo) refere-se a uma questão de facilidade para quantificação de frequência e distribuição dos fatores e não há referência ao peso relativo pela quantidade reduzida de dados.

Capítulo 4

Análise dos dados

Nesta seção, passamos ao exame dos dados que recolhemos ao longo da pesquisa, apresentando os resultados da nossa investigação, seguindo os fatores explicitados no capítulo 3.

4.1 Função semântica da locução em estudo

Durante as análises, encontramos, além do uso como advérbio de tempo, outros empregos de “de repente”, como advérbio de modo, modalizador epistêmico e como marcador discursivo, conforme especificamos e exemplificamos e seguir:

- **Locução preposicional de tempo**

Como advérbio de tempo, a locução “de repente” situa uma ação, um evento ou um processo, ocorridos em um dado momento, e, mais particularmente, uma noção de imediatez, ou seja, de que algo ocorre de súbito ou de forma inesperada. Nesta função, “de repente” pode ser incluído no grupo do que Neves (2000, p.239) denomina advérbios de tempo, juntamente com os advérbios de lugar, de advérbios circunstanciais, que não possuem papel de modificador do estado de coisas descrito na oração. Os exemplos (34) a (37) ilustram esta função:

- (34) “...eu já não podia mais... ter... aquela liberdade que eu tinha até pelas condições...meu pai tinha um emprego bom... eu... eu poderia crescer ali tranquilo... estudando em escola particular normalmente... é...sem passar dificuldades ... porque ele ia ter condições de me dar tudo ...o que eu quisesse...e aconteceu isso... **de**

repente nossa vida mudou... a gente passou um tempo até... vivendo de ajuda... dos outros... porque...foi o tempo em que... ‘tava a transação... negociação de... fundo de garantia que não tinha saída... ele ‘tava recebendo um salário mínimo no INSS... bem baixo... então a gente teve muita dificuldade...”(Amostra PortVix - CÉL23 – homem, faixa etária 2, ensino médio)

(35) “...já com o caso da Diana não... houve aquele acidente... acabou o foco... da coisa, né? Então não houve o interesse de ficar assim transmitindo... durante muito tempo... mas eu tava passando assim, de canal pra canal... **de repente** eu vi aquele negócio o movimento do túnel e tal... “o que que aconteceu?”... fui ver... era a morte da Diana...” (Amostra PortVix - CÉL43 – homem, faixa etária 4, ensino superior)

(36) “...um hospital pequeno depois ampliaram pra cá pra cá pra cá... **de repente** ficou aquele monstro que tem lá...” (Amostra PortVix - CÉL36 – homem, faixa etária 2, ensino superior)

(37) “...a gente tava fazendo besteira dentro da escola aí eles não tavam nem aí... **de repente** no outro dia eles ficaram sabendo...” (Amostra PortVix - CÉL11 – mulher, faixa etária 2, ensino fundamental)

Os exemplos (34) e (35) exemplificam bem o valor temporal de “de repente” com um sentido de imediatez. No primeiro exemplo o falante explica como era a sua vida, dando a entender uma vida de conforto, sem muitas dificuldades em relação a situação financeira e como de forma súbita, inesperada há uma mudança em que ela e sua família passam para uma situação com problemas financeiros e chegam a precisar da ajuda de outras pessoas, trazendo a noção de algo instantâneo ao “de repente”. O exemplo (35) segue essa mesma lógica de alteração imediata e súbita de um estado de coisas: o falante relata o momento em que estava mudando de canais na televisão de forma despreocupada e de forma súbita há uma mudança nos

acontecimentos, que lhe chama a atenção: a transmissão da morte da princesa Diana.

Em (36), observa-se, porém, que não é possível uma convergência entre o sentido básico de “de repente” e o estado de coisas, a ampliação de um hospital implica uma duração no tempo, não podendo, portanto, ser realizada de forma repentina. O exemplo (37) é semelhante ao anterior, pois o adjunto adverbial “no outro dia” parece contrariar a noção de repentino e imediato. É possível que exemplos deste tipo estejam na origem da expansão dos usos de “de repente” para outras funções.

- **Locução preposicional de modo**

O advérbio de modo marca a forma como ocorre um determinado evento, processo ou estado. Neves (2000, p.241) classifica os advérbios de modo na subclasse dos advérbios modificadores, os quais “qualificam uma ação, um processo ou um estado expressos num verbo ou num adjetivo”. Como já explicitamos, essa função mantém resquícios da forma prototípica, descrita anteriormente, pelo seu sentido de inesperado, súbito. Nisso já percebemos a marcação temporal com o acréscimo do modo, como mostram os exemplos seguintes:

(38) “...por que num tava lá o prontuário, o meu prontuário não tava. Foi uma coisa assim **de repente**, então tava trancado na gaveta da da doutora, né?” (Amostra PortVix – CÉL42 – mulher, faixa etária 3, ensino superior)

(39) “...foi quando ele sumiu **de repente** aí... num voltou...” (Amostra PortVix - CÉL05 – mulher, faixa etária 1, ensino fundamental)

(40) “...tava ficando depressivo, porque só eu que, de...de filha tava que era tão assim, coisa na igreja, trabalhava na igreja... aí saí **de repente** e fui pra igreja Evangélica, né?” (Amostra PortVix - CÉL15 –

mulher, faixa etária 3, ensino fundamental)

Percebemos, em todos os exemplos acima, que “de repente”, diferentemente da função semântica descrita anteriormente, retrata a forma como algo ocorreu dentro da sentença. O exemplo (38) ainda carrega o advérbio “assim”, também classificado como modo, enfatizando o sentido de “de repente”.³⁰

- **Modalizador epistêmico**

No seu uso como modalizador epistêmico, a locução “de repente” marca o grau de compromisso/comprometimento do falante em relação ao conteúdo da proposição, isto é, seu grau de certeza acerca daquilo que está sendo dito. Desta forma, a locução imprime no enunciado a sua avaliação, marcando a sua adesão.

(41) “Agora se eu andá com uma mulher do lado nunca vai pará. Tá entendendo? Porque sabe... **de repente** pensa que é a namorada...”
(Amostra Censo 2000 -T05 – homem, faixa etária 2, ensino médio)

(42) “...cê sempre tem ali...o carinho da mãe né? Com...morando junto com a mãe e sozinho, não, sei lá, eu fi... se... se **de repente** eu for morar longe... da minha mãe... tipo assim ela mora aqui em vitória e eu vou morar lá em Cariacica, aí eu vou...vou começar a trabalhar, vou ver ela só no final de semana...aí cadê? Morreu...morreu aquele...aquela carisma...morreu aquela...aquele calorzinho da mãe...”
(Amostra PortVix - CÉL02 – mulher, faixa etária 2, ensino fundamental)

Nos exemplos acima, “de repente” assume função de modalizador epistêmico, ou seja, o falante expressa sua atitude/avaliação sobre o estado

³⁰ Não foi encontrada nenhuma ocorrência de “de repente” com função de modo na Amostra Censo 2000, portanto, todos os exemplos expostos aqui são da Amostra PortVix.

de coisas descrito. A avaliação interfere no valor do enunciado, isto é, o falante relativiza a asserção. Em (41) o falante explica que, de acordo com a sua perspectiva, ele não seria abordado por policiais caso ele estivesse com uma mulher ao lado. O falante traz sua experiência de vida para situar o fato como uma possibilidade, inclui suas convicções no enunciado. No exemplo (42), percebemos mais uma suposição de um fato, a possibilidade de a falante se mudar e deixar de morar com a mãe, e, sendo este fato verdadeiro, quais seriam as consequências, de perder o carinho da mãe presente todos os dias. Observa-se, neste exemplo, a presença de formas de futuro, uma questão que retomaremos mais à frente.

- **Marcador discursivo**

O marcador discursivo é uma estratégia discursiva característica do discurso oral, que permite ao falante organizar seu raciocínio, ou melhor planejar seu discurso durante a própria elocução da sentença.

(43) “...no vídeo game tem um botão rapidinho você aperta aquele botão só tem aquele botão pra apertar agora no computador tem a tecla aquele monte de botão de tecla a você fica doidinho porque, **de repente**...tem até um joguinho que começou novo na TV Globinho que é um...alguma coisa assim que...que eu achei aí nos jogos que eu...que eu...que eu coloco no computador...eu achei...” (Amostra PortVix - CÉL35 – homem, faixa etária 1, ensino fundamental)

(44) “Vocês sabia... sabia disso? Que o cara que estuda... línguas em alguns países, assim, da Europa e tal... **de repente** não sei se nos Estados Unidos é assim.” (Amostra Censo 2000 -T32 – homem, faixa etária 3, ensino médio)

Em (43) e (44) há indicações de que “de repente” opera como um marcador discursivo, sendo uma unidade à parte na sentença, quebrando o fluxo da interlocução. Em nossos dados, são poucas as ocorrências com marcador

discursivo, porém achamos plausível mostrá-las por indicarem um maior avanço de abstratização sofrido pela locução, que passa a atuar com a função de organizar o discurso.

- **Ambíguo**

Há ainda alguns casos de “de repente” em que se superpõem, sejam as noções de tempo e de possibilidade ou as noções de tempo e modo, sendo possível interpretar a locução como advérbio de tempo, modo ou modalizador. Consideremos os exemplos abaixo:

(45) “...sempre consegue alguma coisa mas em troca tem um monte de voto sabe? É difícil... e depois que você tá lá também... eu acho que a situação piora... acho que **de repente** você entra no... quando você entra no... naquele meio ali... você... se... corrompe sabe? Acho difícil um político ser... completamente honesto...” (Amostra PortVix - CÉL37 – mulher, faixa etária 2, ensino superior)

(46) “Se ele descobre que ela tá grávida, vai pensá que o filho não é dele e ela, se **de repente** ela falá pra ele que o filho é dele, ele não vai acreditá, por causa desse cara, desse fotógrafo, vai pensá que o filho é do fotógrafo, não dele.” (Amostra Censo 2000 -T17 – mulher, faixa etária 3, ensino fundamental)

(47) “...Melhor do que saí e bebê no botequim e voltá bêbado e quebrá tudo e **de repente** começa a dá soco na mulher. Entendeu? Com certeza vai ligá lá...pra... pra polícia feminina e vai mandá me prendê. (Amostra Censo 2000 -T19 – homem, faixa etária 3, ensino fundamental)

(48) “F: “...loja de ferragens de... material... dínamo... assim compressor essas coisa, material elétrico... a loja é velha assim mas é

muito tempo que eles tão... nesse ramo né... e os menino... seguiram o pai né... e... era até de família também... assim...financeiramente bem né... aquilo também chocou tanto a gente... já pensou... pessoa nova né... fiquei com tanta pena...

E: “Ela tinha quantos anos?”

F: “Ah, eu não sei, não, mas ela era nova... os menino eram pequeno... aí aquilo chocou todo o mundo... **de repente** assim ai...”
(Amostra PortVix CÉL33 – mulher, faixa etária 4, ensino médio)

(49) **E:** “Você gosta de religião?”

F: “De vez em quando, eu tô indo na Universal, na Igreja, mas...”

E: “Por que você parou de ir?”

F: “Sei lá, **de repente** eu parei de ir. Eu sempre levava esse meu filho, mas eu acho que ele ficou tão pesado, que eu não tô mais aguentando.”

E: “Você acredita em Deus?”

F: “Acredito. Muito!” (Amostra Censo 2000 T15 – mulher, faixa etária 2, ensino médio)

Nos três primeiros exemplos expostos, se superpõem as categorias de tempo e modalidade, como em (45), em que podemos interpretar que o falante expressa a possibilidade de alguém entrar na política ou a forma súbita com que alguém pode entrar para um cargo político. No exemplo seguinte (46), podemos interpretar que o falante expressa a possibilidade de a moça contar que está grávida, reforçada pelo “se”, ou que a imediatez com que ela revelar a gravidez pode trazer consequências, como a de ele não acreditar. Como no caso (47) em que o falante expressa a possibilidade de alguém chegar em casa após beber e começar a bater na mulher ou de súbito reagir de forma agressiva.

Em (48), o entrevistado descreve uma situação em que alguém faleceu, o que foi chocante. Podemos interpretar esse exemplo como algo que ocorreu de súbito, imprevisto ou a forma brusca dos acontecimentos. No exemplo

(49), o entrevistador pergunta o motivo do falante ter parado de ir à Igreja, algo que ele fazia regularmente e a resposta denota um sentido gradativo, de forma vagarosa, como “aos poucos”, o que quebra o imediatismo da forma temporal.

Como previsto nos Modelos Baseados no Uso, os processos de gramaticalização implicam uma gradualidade que decorre do fato de que não há fronteiras nítidas entre as categorias, sejam elas semânticas ou morfológicas. Considerando os exemplos acima, poderíamos dizer que a mudança no uso da locução “de repente” se dá na forma de um *continuum* de [+ concreto] para [+ abstrato], da seguinte forma:

Advérbio de tempo > Advérbio de modo > Modalizador epistêmico

Seguindo a proposta de Traugott (2003, 2010), esta escala ilustra bastante bem um cline de subjetivização, ou seja, uma passagem de [+ objetivo] > [+ subjetivo]. A gramaticalização se dá na medida em que o advérbio de tempo/modo é usado como modalizador epistêmico.

No entanto há um fato importante a considerar. A análise permitiu perceber, ainda, que mesmo no domínio de uma mesma função, é possível identificar algumas nuances que parecem indicar maior abstratização de sentido sem que, necessariamente, chegue a haver ambiguidade. Esta é a situação no exemplo (50), em que, em princípio, “de repente” pode ser considerado um advérbio de tempo:

(50) **E:** “E o que que você achou ... do programa?”

F: “Eu achei que...esse pensamento nessa casa foi até diferente... porque... eles entraram... entraram muito separados aquele clima meio esquisito... como se ninguém quisesse conversar com ninguém... e **de repente** foi mudando... foi dando aquela reviravolta...” (Amostra PortVix – CÉL 08 – mulher, faixa etária 1, ensino fundamental)

Em (50), "de repente" ainda exerce a função de advérbio de tempo, mas ele rompe com a pontualidade inerente a esta locução. Neste caso, o significado de "de repente" se distancia do seu funcionamento prototípico, qual seja, um elemento de natureza temporal; que instaura uma maior abstração, uma vez que o caráter progressivo codificado pela forma perifrástica "foi mudando" favorece o papel desempenhado pela função do "de repente" como locução preposicional de modo, ainda que haja a presença de resquícios de uma mudança de forma abrupta, o progressivo marca a gradação na mudança.

Exemplos deste tipo poderiam representar o início da passagem de um sentido para o outro. É possível, então, que haja uma gradação mais sutil que resulta em um *continuum* mais complexo de abstratização. Em outros termos, no caso da locução em estudo, este *continuum* poderia envolver etapas de transição entre as funções representadas na gradação mostrada acima.

A análise permitiu atestar também que a trajetória acima encontra respaldo na distribuição das diferentes funções de "de repente" nas duas amostras, como se pode ver na tabela 3.

Tabela 3 – Usos da forma "de repente"

Função semântica	Corpora	
	Amostra Censo	Amostra PortVix
Advérbio de tempo	11/82	14/57
	13.4%	24.6%
Advérbio de modo	-	8/57
	-	14%
Modalizador epistêmico	51/82	23/57
	62.2%	40.4%
Marcador	1/82	1/57
	1.2%	1.8%
Ambíguo 1 (tempo- modo)	8/82	5/57
	9.8%	8.8%
Ambíguo 2 (tempo- modalizador)	11/82	6/57
	13.4%	10.5%
TOTAL	82	57

Fazendo a comparação entre os resultados encontrados na tabela 3,

verificamos uma convergência na distribuição das funções de “de repente” nas duas localidades, com a predominância da locução como modalizador epistêmico, principalmente na Amostra Censo 2000.

Na Amostra PortVix, da cidade de Vitória, os resultados para a ocorrência de “de repente” com a função de advérbio de tempo e de modalizador epistêmico são muito próximos, sendo 14 casos com função temporal e 23 com função de modalizador epistêmico, correspondendo a 24,6% e 40,4% respectivamente. Em seguida, aparecem as ocorrências que admitem dupla interpretação da locução, os casos de ambiguidade, sendo que o ambíguo 1 (tempo e modo) apresenta 9,8% das ocorrências e o ambíguo 2 (tempo e modalizador epistêmico) 13,4% das ocorrências.

Já na Amostra Censo 2000, que representa a cidade do Rio de Janeiro, “de repente” como modalizador epistêmico alcança 51 casos, num total de 82, correspondendo a 62.2% dos dados. Segue-se o uso de “de repente” na função de advérbio de tempo que totaliza 13,4% sendo casos de ambíguo 1, com 19,8% da amostra e o ambíguo com 2, 13.4%.

A recorrência de dados que admitem uma dupla interpretação para a locução em estudo constituem um bom exemplo da gradualidade do mecanismo de extensão de sentidos e contextual prevista por Heine (2003), conforme explicado na seção 2.2 e seria um dos estágios presentes no processo de gramaticalização. Desta forma, há indícios de um processo de gramaticalização em curso da locução “de repente”. A coexistência entre a função prototípica de advérbio de tempo, um ponto de partida para as outras funções, ratifica um dos princípios que caracteriza o processo de gramaticalização, o princípio da divergência, como proposto por Hopper (1991) e Hopper e Traugott (1993, 2003) descritos na seção 2.2, uma vez que sentidos anteriores da locução coexistem com sentidos mais gramaticalizados, como é o caso de modalizador epistêmico.

A partir disso, podemos afirmar que os falantes das cidades de Vitória e do

Rio de Janeiro têm utilizado cada vez mais a locução “de repente” com a função de modalizador epistêmico. No entanto, tal tendência parecer estar mais avançada no Rio de Janeiro, que apresenta mais ocorrências de modalizador epistêmico, que já poderia ser considerado produto dessa trajetória de mudança. Essa diferença pode ser considerada, talvez, como uma consequência do contexto histórico distinto das duas capitais.

A cidade do Rio de Janeiro foi capital da colônia no período colonial do Brasil, abrigando assim a corte portuguesa. Com a vinda da família real, veio a elite portuguesa, juntamente com intelectuais e todo o acervo de sua biblioteca, proporcionando um grande acesso da elite brasileira às obras existentes nessa biblioteca (SOUZA, 1997). Em contrapartida, no Espírito Santo, ocorria um processo de isolamento, a fim de proteger as Minas de ouro encontradas no interior. Dessa forma, o território passa a funcionar como barreira verde resguardando o acesso ao ouro encontrado na região da atual Minas Gerais. Dados esses fatos, podemos concluir que o estado do Espírito Santo ficou, pelo menos um certo tempo, isolado, enquanto o Rio de Janeiro evoluía, conseqüentemente, a língua sofreu mais mudanças e avanços do que a capital capixaba.

Apesar de ter sido fundada 13 anos antes que o Rio de Janeiro, a cidade de Vitória não acompanhou o desenvolvimento da capital do estado vizinho. Desde o período colonial a Coroa Portuguesa desempenhou atividades diferentes nos dois territórios, o que acabou determinando o curso evolutivo de cada uma delas.

Logo após a chegada de Cabral ao Brasil, o Rio de Janeiro não foi prontamente povoado, com isso, os franceses acabaram se estabelecendo na região, pois visavam formar uma colônia francesa em território brasileiro, a “França Antártica”, após alguns anos de luta, os portugueses conseguiram expulsar os franceses e no dia 01 de março de 1565, Estácio de Sá fundou a cidade do Rio de Janeiro.

Já no Espírito Santo, Vitória não foi o primeiro território em que os Portugueses estiveram, nossos colonizadores chegaram no estado, onde hoje se localiza a Prainha de Vila Velha em meados do ano de 1535, mas o constante confronto com os Índios da região fez com que o donatário da capitania, Vasco Fernandes Coutinho, passasse a procurar terras mais seguras para começar a colonização da capitania. Ele optou por uma ilha para fundar a “Vila Nova do Espírito Santo”, em 1551 (CALIMAN, 2012).

No período entre a chegada dos primeiros ocupantes do território até o século XVIII, as duas cidades vivenciaram muita instabilidade em aspectos gerais e é a partir da descoberta das primeiras pepitas de ouro que o contraste entre Rio de Janeiro e Vitória aumenta. O Rio de Janeiro, que já havia se desenvolvido como zona portuária, com a descoberta dos metais, no atual território de Minas Gerais, virou a ponte entre a Metrópole e a Colônia, entre Brasil e Europa, em termos gerais – o que proporcionou um vasto crescimento para a região. Em contrapartida, nessa época, o Estado do Espírito Santo passou a funcionar como “barreira verde”, protegendo a riqueza encontrada nas Minas. Para garantir que o ouro não passasse pelas terras capixabas, a Coroa Portuguesa tomou várias medidas, como a proibição da construção de estradas e a edificação de fortes no litoral, o que acarretou na diminuição da população e no isolamento da região. Segundo Caliman (2012, p.40), “esse isolamento durante tanto tempo encontra explicação na ausência de um produto que pudesse atrair as atenções da Coroa Portuguesa”.

Vitória só volta a se desenvolver com o declínio da atividade mineradora, uma estrada para Vila Rica (atual cidade de Ouro Preto – MG) é construída e são trazidos os primeiros imigrantes. Enquanto isso, no Rio de Janeiro, a família real acabara de se instalar na cidade, em 1808, e com a chegada da corte portuguesa e, conseqüente, transferência do centro de decisão do Império Português para o Rio de Janeiro, a cidade tornou-se um primoroso centro comercial. Paralelamente a esse desenvolvimento econômico também aconteceu a criação de vários estabelecimentos de ensino como a Academia

Militar, a Academia Imperial de Belas Artes e a instalação da Biblioteca Real (mais tarde passa a ser chamada de Nacional) que veio junto com a corte (SOUZA, 1997).

A modernização da cidade do Rio de Janeiro seguiu em diante a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX: com a instalação de linhas férreas a cidade ganhou uma nova forma de escoar a produção e começavam a surgir as primeiras indústrias no local. Em Vitória, a economia do Estado é impulsionada com a produção do café, o que não foi suficiente para que o estado se tornasse forte economicamente.

À luz do entendimento histórico-econômico do Espírito Santo, verificamos que suas limitações intrínsecas decorriam de uma estrutura de produção excessivamente dependente da agricultura cafeeira tradicional que imprimiu seu ritmo e sua forma à estrutura socioeconômica do Estado. (SIQUEIRA, 2001, p.72)

Já no fim do século XIX, no ano de 1892, Muniz Freire, foi eleito presidente do estado do Espírito Santo e investiu em ferrovias e na infraestrutura do Porto de Vitória, mas o estado seguiu estagnado e muito dependente da produção cafeeira por um longo período de tempo.

Para ilustrar de forma clara o atraso na formação acadêmica e cultural de Vitória, podemos observar a data da fundação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com raiz na Real Academia (criada em 17 de dezembro de 1792) e consolidada como Universidade em 7 de setembro de 1920 e a data da fundação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que teve origem na Faculdade de Farmácia e Odontologia (criada em 3 de março de 1930) e só passou ao status de Universidade em 5 de maio de 1954 (CALIMAN, 2012).

4.2. Tipos de processos

Analisamos o tipo de processo verbal associado ao “de repente”, a fim de

verificar a hipótese de que a função de modalizador seria mais frequente nas orações de processos mentais, uma vez que os processos mentais exprimem noções mais subjetivas, de experiência interna ao falante, provocados por ações realizados no mundo externo. Sendo os processos mentais relacionados à experiência interior do falante, exprimem crenças, opiniões e atitudes do falante, que estariam relacionadas à função da locução como modalizador. Os exemplos a seguir ilustram os tipos de processo:

(51) E: “Ai, então como foi o processo de mudança?”

F1: Ah...do bairro...a prefeitura veio aqui **de repente** e resolveu mudar, ou teve algum motivo...os moradores decidiram. Ah, acho que quem sabe mais é ela né?

F2: Ah! Aqui bem que a prefeitura ajudou sim a mudar um pouco...porque aqui eu sou a fundadora do bairro, né? Eu quem tirei esses negócios por aqui a fora...mas...a gente fala que foi por causa do papa né? Quando o papa veio pra cá.” (Amostra PortVix – CÉL29 – mulher, faixa etária 3, ensino médio)

(52) “Umbanda é uma coisa, Candomblé é uma coisa e Espiritismo é outra coisa, são diferentes. Espiritismo que eu falo é o que é pregado por Alan Kardec. E **de repente** eu comecei a... eu encontrei ali... as mesmas perguntas que eu tinha só que com as respostas. Eu encontrei e falei: - “Caramba então existe realmente... não sou só eu que tenho essas dúvidas, existe alguma religião que coloca essas dúvidas” e elas são respondidas de uma forma lógica, de uma forma coerente, que pelo menos pra mim e pra muitas pessoas são respostas que não são vagas.” (Amostra Censo 2000 – T24 – mulher, faixa etária 2, ensino médio)

(53) “Aí depende muito do gosto de cada um né? Se em termos de opção de noturna sempre tem, cê pode ir pra Curva da Jurema pra quem gosta, então, cê pode ir pra uma boate, cê pode sentar num barzinho lá na Lama, toma uma cerveja, acho que a opção não falta, o

negócio é disposição é quem... tá procurando e... **de repente** cê tá entrosado com a turma que... tá sempre saindo essas coisas assim pra te motivar também.” (Amostra PortVix – CÉL39 – homem, faixa etária 3, ensino superior)

(54) E: “Você acha que ela morreu por causa da queda?

F: Eu acho não, eu tenho certeza que ela morreu porque ela se aborreceu **de repente**, ela já tinha alguma história...de coração, né? E a pressão deve ter subido e infartou.” (Amostra PortVix – CÉL34 – mulher, faixa etária 4, ensino médio)

(55) “Bom, eu li uma vez que a advocacia é a maneira legal de se burlá a lei. De certa forma isso é verdade porque isso não saiu do nada, num foi **de repente** alguém que falou: “Não, vamos discriminá os advogados”. Foi algo que eles mesmos conquistaram com seus atos.” (Amostra Censo 2000 – T13 – homem, faixa etária 2, ensino médio)

(56) “Aí, o outro médico chamou minha mãe pra falá que ele teve esse pobrema, mas eles não me contaram não. Eu fui sabê depois que ele, tinha um mês. Minha mãe me contô, porque ela tava com... que eu tenho pobrema de pressão alta, né? Aí, ela falou que tava com medo de dá um troço **de repente** e sabê que ele era assim e não aceitá devido do jeito que ele é. Ela ficou com medo que... de eu não aceitá ele, entendeu? Aí, todo mundo com medo, mas eu via, eu sentia que tinha alguma coisa estranha. Todo mundo me olhava...” (Amostra Censo 2000 – T06 – homem, faixa etária 2, ensino fundamental)

(57) “Ou você sai sozinho ou você fica em casa. Entendeu? Tem gente que leva, mas é perigoso. Eu acho que é perigoso. Não pro cara chegá lá e querê cantá a mulher do outro, não é nada disso. **De repente**, a violência também, entendeu? Na hora de corrê “Ah, uma briga ali, um tiroteio ali!” Tem como você corrê, tem como você se

protege. Agora, você já com a mulher não. Cê fica preocupado com ela, protegê ela, entendeu?” (Amostra Censo 2000 – T19 – homem, faixa etária 3, ensino fundamental)

(58) **F:** “Eu fiz na minha casa a carne que eu comprei que eu vi que era uma delícia... agora de porco ainda mais quando é aquela doença que tem um monte de verme no cérebro aí eu não como, por nada nesse mundo nesse RU! Carne de porco eu não como, não!

E: Aí tem um peixe também... fritinho...

F: Peixe fritinho aí... **de repente** eu até poderia...” (Amostra PortVix - CÉL37 – mulher, faixa etária 2, ensino superior)

No exemplo (51), a locução incide sobre o verbo “vir”. No discurso o falante explica a vinda da prefeitura ao bairro, implicando numa ação que caracteriza o processo material, de fazer e acontecer. Já em (52), o falante explica sua mudança religiosa, espiritual e o porquê de sua decisão em aderir ao espiritismo. Há uma mudança que ocorre no mundo externo, em que o falante se encontra em um local novo, no qual ele acha as respostas para as suas perguntas, isto é, a mudança externa resulta numa reflexão interna, no âmbito da consciência, caracterizando um processo mental.

No exemplo (53), o falante descreve locais para sair em Vitória e retrata uma possível relação da pessoa com uma turma: “**de repente** cê tá entrosado”. Esse é um processo relacional, de caráter atributivo, em que uma entidade A é relacionada a uma entidade B. Em (54), “de repente” está associado a “se aborreceu”, assim, a locução representa a forma como o indivíduo reagiu, de forma inesperada. Como já dissemos na introdução, os processos comportamentais expressam comportamentos fisiológicos e psicológicos involuntários do ser humano, como aborrecer. Os processos verbais, são os processos de dizer, em que há a projeção da fala de outro, como em (55), em que o falante cita direta ou indiretamente a fala de alguém. Os processos existenciais ocorrem em orações que representam que algo existe ou acontece, como em (56), em que a falante explica o medo que sua

mãe tinha de algo acontecer com ela (“medo de dá um troço **de repente**”), pelo fato de ela sofrer de pressão alta e ela não sobreviver, caracterizando um acontecimento.

Os casos de verbo implícito são aqueles em que a locução não está associada a nenhum verbo ou em que o verbo fica implícito no contexto, como no exemplo (57), em que o falante explica o fato de a violência também lhe atrapalhar sair com a mulher. Inferimos a conclusão por meio do contexto, pois não percebemos a presença de um verbo. No exemplo (58), “de repente” está relacionado ao verbo modal “poderia”, o qual é utilizado pelo falante para expressar a possibilidade de comer o peixe frito.

A tabela 4 mostra a distribuição das ocorrências de “de repente” de acordo com o tipo de processo codificado na oração.

Tabela 4 – Tipos de processos verbais a que “de repente” está associado na sentença - Amostra PortVix - Vitória.

Funções semânticas	Tipos de processo – Amostra PortVix							
	Material	Mental	Relac.	Comport.	Verbal	Exist.	Implíc.	Modal
Advérbio de tempo	5/14	1/14	3/14	1/14	-	2/14	2/14	-
	35.7%	7.1%	21.4%	7.1%	-	14.2%	14.2%	-
Advérbio de modo	5/8	-	1/8	1/8	-	1/8	-	-
	62.5%	-	12.5%	12.5%	-	12.5%	-	-
Modalizador	13/23	4/23	2/23	-	-	2/23	1/23	1/23
	56.5%	17.3%	8.6%	-	-	8.6%	4.3%	4.3%
Marcador	-	-	-	-	-	1/1	-	-
	-	-	-	-	-	100%	-	-
Ambíguo 1	2/5	1/5	2/5	-	-	-	-	-
	40%	20%	40%	-	-	-	-	-
Ambíguo 2	4/6	1/6	1/6	-	-	-	-	-
	66.6%	16.6%	16.6%	-	-	-	-	-
TOTAL	29/57	7/57	9/57	2/57	-	6/57	3/57	1/57
	50.9%	12.3%	15.8%	3.5%	-	10.5%	5.3%	1.8%

Tabela 5 – Tipos de processos verbais a que “de repente” está associado na sentença - Amostra Censo 2000 – RJ.

Funções semânticas	Tipos de processo – Amostra Censo 2000							
	Material	Mental	Relac.	Comport.	Verbal	Exist.	Implíc.	Modal
Advérbio de tempo	5/11	-	1/11	2/11	1/11	2/11	-	-
	45.4%	-	9%	18.1%	9%	18.1%	-	-
Advérbio de	-	-	-	-	-	-	-	-

modo	-	-	-	-	-	-	-	-
Modalizador	19/51	10/51	11/51	-	1/51	4/51	3/51	3/51
	37.2%	19.6%	21.5%	-	1.9%	7.8%	5.8%	5.8%
Marcador	-	1/1	-	-	-	-	-	-
	-	100%	-	-	-	-	-	-
Ambíguo 1	3/8	2/8	-	1/8	1/8	1/8	-	-
	37.5%	25%	-	12.5%	12.5%	12.5%	-	-
Ambíguo 2	6/11	1/11	2/11	-	2/11	-	-	-
	54.5%	9%	18.1%	-	18.1%	-	-	-
TOTAL	33/82	14/82	14/82	3/82	5/82	7/82	3/82	3/82
	40.2%	17.1%	17.1%	3.7%	6.1%	8.5%	3.7%	3.7%

Notamos que o tipo de processo material foi o que mais ocorreu em todos os usos da locução, sendo 29 ocorrências do total de 57 da amostra de Vitória e 33 ocorrências de 82 do Rio de Janeiro. Apesar de não comprovar nossa hipótese, na Amostra Censo 2000, podemos observar que “de repente” como modalizador epistêmico ocorre com frequência significativa em orações com processos mentais, em contrapartida, todos os casos com verbos modais ocorreram no uso de modalizador.

4.3 Tempo e modo verbal

O controle que fizemos acerca do tempo e do modo dos verbos com que a locução “de repente” está relacionada, tinha como intuito investigar a existência de contextos específicos de temporalidade verbal que favoreceriam a ocorrência de “de repente” com funções semânticas específicas. Foram identificadas nos *corpora* as seguintes possibilidades de tempo e modo:

- **Presente do indicativo**

(59) E: “O senhor acha que já existe algum... clone humano?”

F: Não sei... agora a... a situação tá difícil... é essa, você, por exemplo... **de repente** chega perto do seu pai... ele não te conhece... porque ele é o clone do seu pai... ele não sabe nada sobre você... já pensou? Que coisa

horrorosa...” (Amostra PortVix - CÉL43 – homem, faixa etária 4, ensino superior)

- **Pretérito Perfeito do indicativo**

(60) “...que a minha irmã ela é muito...ela é bem de vida ela... sempre criou os filhos com tudo assim que eles precisavam...sempre eles tiveram é...**de repente** ficou desse jeito...” (Amostra PortVix - CÉL29 – mulher, faixa etária 3, ensino médio)

- **Pretérito Imperfeito do indicativo**

(61) “**E:** Mas pó que você acha... vocês acharam melhor que ela continuasse, porquê?

F: “Ah porque **de repente** vinha uma pessoa... pior do que ela... pra cá e a gente nem... não conhece...” (Amostra PortVix - CÉL02 – mulher faixa etária 2, ensino fundamental)

- **Futuro do pretérito do indicativo**

(62) “**De repente**, a gente teria até... teria até ganho, mesmo com o que houve, que houve muita coisa por de trás daquilo. A saída do Romário... queriam botá o Edmundo... aí o time num perdia não.” (Amostra Censo 2000 - T20 – homem, faixa etária 3, ensino fundamental)

- **Futuro do presente do indicativo**

(63) “Por quê...porque muitos cara abusado, bebe, violência, briga. E você sozinho você sabe como pulá o muro, cê sabe corrê, e com a mulher? Né? Que **de repente** ela num vai tê o pique que você tem, entendeu? Até se um cara é... fô agredi, um cara e eu tivé por perto, é óbvio que eu vou protegê ela, entendeu, então fica difícil, sabe?”

(Amostra Censo 2000 - T19 – homem, faixa etária 3, ensino fundamental)

- **Futuro do Subjuntivo**

(64) “...foi quando eu fui pra Barra...eu acho que você ganha em qualidade de vida, você, você **de repente** vale a pena até encará esse engarrafamento, entende?” (Amostra Censo 2000 - T32 – mulher, faixa etária 4, ensino médio)

- **Presente do subjuntivo**

(65) “...Uma seleção, enfim, qualquer coisa que, né? Que eu ganhe essa fantasia...essa...essa...essa miragem, né? Qué dizê, nunca poderia imaginá trabalhá num clube, né? Nem fazê um estágio, e **de repente** possa surji essa oportunidade? Não. É claro que num vou saí daqui do hospital nunca. Eu num troco o hospital Pedro Ernesto para o futebol, né?” (Amostra Censo 2000 - T19 – homem, faixa etária 3, ensino fundamental)

- **Forma nominal**

(66) “Às vezes tem dia que num sobra dinheiro também, entendeu? Então fica difícil **de repente** eu vaijá. Aí eu aproveito o quê? Quando tô de férias...” (Amostra Censo 2000 - T19 – homem, faixa etária 3, ensino fundamental)

- **Verbo implícito³¹**

(67) “Nós...ele já morava aqui no bairro né? Morava aqui...e a gente

³¹ Este exemplo faz parte do fator “não se aplica”, que elencamos como um fator referente aos casos em que o verbo fica implícito e não conseguimos inferi-lo pelo contexto.

ia muito no clube o antigo Marino, né? Que tinha ai, né? Então, ai, a gente era amigo...e, e **de repente** da amizade da...eu...eu... no dia que eu fiz quinze anos, ai isso foi na sexta, eu sai da escola e fui pro clube.” (Amostra PortVix - CÉL29 – mulher, faixa etária 3, ensino médio)

As tabelas a seguir mostram os resultados das ocorrências em cada um dos *corpora*:

Tabela 6: Distribuição de “de repente” de acordo com valor semântico e o tempo e modo verbal da oração – Amostra PortVix – Vitória.

Função semântica	Tempo e modo verbal – PortVix									
	Pres.	Pret. Perf.	Pret. Imperf.	Fut. Pret.	Fut. Pres.	Fut. Subj.	Pres. Subj.	Pret. Subj.	Form. Nom.	Não aplica
Advérbio de tempo	4/14	7/14	1/14	-	-	-	-	-	-	3/14
	28.5%	50%	7.1%	-	-	-	-	-	-	21.4%
Advérbio de modo	-	8/8	-	-	-	-	-	-	-	-
	-	100%	-	-	-	-	-	-	-	-
Modal.	13/23	2/23	1/23	3/23	1/23	1/23	-	1/23	-	1/23
	56.5%	8.6%	4.3%	13%	4.3%	4.3%	-	4.3%	-	4.3%
Marcador	1/1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	100%	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ambíguo 1 (tempo-modo)	-	5/5	-	-	-	-	-	-	-	-
	-	100%	-	-	-	-	-	-	-	-
Ambíguo 2 (tempo e modal.)	5/6	-	-	-	-	2/6	-	-	-	-
	83.3%	-	-	-	-	16.6%	-	-	-	-
Total	23/57	22/57	2/57	3/57	1/57	2/57	-	1/57	-	3/57
	40.3%	38.5%	3.5%	5.2%	1.7%	1.7%	-	1.7%	-	5.2%

Tabela 7: Distribuição de “de repente” de acordo com valor semântico e o tempo e modo verbal da oração – Amostra Censo 2000 – RJ.

Função semântica	Tempo e modo verbal – Amostra Censo									
	Pres.	Pret. Perf.	Pret. Imperf.	Fut. Pret.	Fut. Pres.	Fut. Subj.	Pres. Subj.	Pret. Subj.	Form. Nom.	Não aplica
Advérbio de tempo	4/11	4/11	2/11	-	-	1/11	-	-	-	-
	36.3%	36.3%	18.1%	-	-	9%	-	-	-	-
Advérbio de modo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Modal.	26/51	3/51	5/51	4/51	1/51	3/51	2/51	1/51	3/51	3/51
	50.9%	5.8%	9.8%	7.8%	1.9%	5.8%	3.9%	1.9%	5.8%	5.8%
Marcador	1/1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	100%	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ambíguo 1 (tempo-modo)	2/8	6/8	-	-	-	-	-	-	-	-
	25%	75%	-	-	-	-	-	-	-	-
Ambíguo	6/11	1/11	-	-	-	1/11	-	-	3/11	-

2 (tempo e modal.)	54.5%	9%	-	-	-	9%	-	-	27.2%	-
Total	39/82	14/82	7/82	4/82	1/82	5/82	2/82	1/82	6/82	3/82
	47.5%	17%	8.5%	4.8%	1.2%	6%	2.4%	1.2%	7.3%	3.6%

Percebemos que a ocorrência do presente e do pretérito perfeito se destaca nas tabelas 6 e 7, em relação aos outros tempos verbais, sendo a ocorrência do presente do indicativo a mais saliente nos dois *corpora*, correspondendo à 40,3% da amostra de Vitória e 47,5% do Rio de Janeiro.

Analisando as tabelas acima, aparece a associação da função de advérbio de tempo a formas verbais de pretérito perfeito, sendo 50% dos casos na função de advérbios temporais na Amostra PortVix e 36,3% na Amostra Censo 2000. A função de modalizador epistêmico, por sua vez, está mais associada com formas do presente do indicativo, correspondendo a 56,5% do total dos casos na fala capixaba e a 50,9% na fala carioca.

A nossa hipótese seria a de que o futuro do subjuntivo estaria relacionado aos usos de “de repente” como modalizador epistêmico, por agregar um sentido hipotético e pelo fato de, em vários momentos, haver uma suposição acerca de evento futuro concernente a essa função. Atribuímos o fato de essa hipótese não ter se confirmado ao estilo das amostras, que reúnem dados de fala, sendo a fala um ambiente menos propenso a variabilidade dos usos dos tempos verbais. A grande ocorrência das formas verbais do presente e do pretérito perfeito do indicativo também pode estar associada à natureza das amostras, de acordo com a justificativa acima, já que esses tempos e modos são os mais frequentes no discurso oral.

4.4 Posição da locução “de repente” na sentença

Como descrevemos no capítulo 3, a posição da locução foi considerada como uma variável relevante, uma vez que nos permite identificar se a posição de codifica significados mais subjetivos, se “de repente” com

significado epistêmico se posiciona na margem esquerda da oração. Além da contribuição acerca da manutenção da ordem de palavras no Português brasileiro, como avaliado por Siqueira (2014), a locução “de repente” na posição inicial vai se tornando uma preferência dos brasileiros e apresentando menos casos nas outras posições. Os exemplos a seguir ilustram a posição do “de repente” nas amostras de dados:

(68) “...então ‘cê tinha que ver desde esse lado ao gás ... **de repente** dez horas da manhã acabava o gás ... que você vai fazer?” (Amostra PortVix - CÉL41 – mulher, faixa etária 3, ensino superior)

(69) “Meu filho caiu de dois metro. O de três ano [E: Meu Deus!] ficô todo mole, todo se bateno, não reagia. Aí **de repente** começô a dormí, num parava. Foi atendido sabe aonde?” (Amostra Censo 2000 - T08 – mulher, faixa etária 2, ensino fundamental)

(70) “É a falta de preparação dos caras, entendeu? Hoje todo mundo que ganha faixa preta qué dá aula, entendeu? Sem preparação nenhuma, entendeu? Pô, os cara... **de repente** não tem... assim um... um dos quesitos que falam que pro cara se tê condição de dá aula é o cara tê nível superior.” (Amostra Censo 2000 -T23 – homem, faixa etária 3, ensino médio)

(71) “E depois de repente pegaria aquele que tá mais necessitado e daria **de repente** uma ajuda, todo mês. Iria ajudar!” (Amostra Censo 2000 - T13 – mulher, faixa etária 2, ensino fundamental)

(72) “...É a oportunidade de...que elas tem **de repente** pô, se mobiliza alí socialmente, entendeu? Subí um degrauzinho, o cara tem que agarrá, entendeu?” (Amostra Censo 2000 - T19 – homem, faixa etária 3, ensino médio)

(73) “...se ela num tivesse nessa religião porque eles iam lá fazer

oração na casa dela sabe... ele morreu quase **de repente**... um rapaz novo, novo, novo...” (Amostra PortVix - CÉL20 – mulher, faixa etária 4, ensino fundamental)

Os resultados mostram que “de repente” está mais presente na primeira posição, isto é, iniciando a sentença, tanto na amostra de Vitória quanto na do Rio de Janeiro, conforme apresentado nas tabelas a seguir:

Tabela 8: Posição de “de repente” na sentença de acordo com o valor semântico - Amostra PortVix – Vitória.

Função semântica	Posição – Amostra PortVix			
	P1	P2	P3	P4
Advérbio de tempo	13/14	-	-	1/14
	92.8%	-	-	7.2%
Advérbio de modo	2/8	-	-	6/8
	25%	-	-	75%
Modalizador	21/23	2/23	-	-
	91.3%	8.6%	-	-
Marcador	1/1	-	-	-
	100%	-	-	-
Ambíguo 1 (tempo- modo)	5/5	-	-	-
	100%	-	-	-
Ambíguo 2 (tempo- modalizador)	5/6	1/6	-	-
	83.3%	16.6%	-	-
TOTAL	47/57	3/57	-	7/57
	82.5%	5.3%	-	12.3%

Tabela 9: Posição de “de repente” na sentença de acordo com o valor semântico - Amostra Censo 2000 – RJ.

Função semântica	Posição – Amostra Censo			
	P1	P2	P3	P4
Advérbio de tempo	10/11	-	-	1/11
	90.9%	-	-	9.1%
Advérbio de modo	-	-	-	-
	-	-	-	-
Modalizador	44/51	3/51	2/51	2/51
	86%	5.8%	3.9%	3.9%
Marcador	1/1	-	-	-
	100%	-	-	-
Ambíguo 1 (tempo- modo)	6/8	-	1/8	1/8
	75%	-	12.5%	12.5%
Ambíguo 2 (tempo- modalizador)	9/11	1/11	-	1/11
	81.8%	9%	-	9%
TOTAL	70/82	4/82	3/82	5/82
	85.4%	4.9%	3.7%	6.1%

Notamos que “de repente” iniciando a sentença, é mais proeminente quando observamos as tabelas 8 e 9, correspondendo a 82.5% do total das ocorrências na Amostra PortVix e a 85.4% do total das ocorrências na Amostra Censo 2000, tornando as outras posições menos acentuadas. Esses casos estão ilustrados em (68) e (69).

O exemplo (70) ilustra a posição de “de repente” entre o sujeito e o verbo e, de acordo com as tabelas, essa posição não é muito comum aparecendo em apenas 5.3% dos dados da Amostra PortVix e em 4.9% dos dados da Amostra Censo 2000, ocorrendo apenas nos exemplos ambíguos, que permitem dupla interpretação e nos casos de modalizador epistêmico. O exemplo (71) mostra uma ocorrência da posição 3 em que “de repente” está inserido entre o verbo e o complemento, posição com menor ocorrência e que aparece apenas na Amostra Censo 2000.

A única função que apresenta um resultado diferente em relação a posição da locução na sentença, é a de advérbio de modo, função encontrada apenas na Amostra PortVix e que contém o maior número de ocorrências de “de repente” no final da sentença. Os exemplos (72) e (73) ilustram a quarta posição. Embora sejam poucos os dados, podemos perceber que ela se relaciona principalmente com a função de advérbio de modo. Em (73), ainda percebemos a presença de um modificador “quase” que define bem a função do “de repente” como modo.

Em relação a colocação da locução na oração, como vimos, encontramos a maioria de todas as funções a ela atribuídas em posição inicial, de forma que o “de repente” incide sobre toda a sentença, trazendo o valor circunstancial ou de possibilidade do estado de coisas descrito para toda a oração. Tais resultados vão ao encontro dos achados de Pontes e Peterson (2009) e Siqueira (2014), os quais encontraram maior incidência do “de repente” iniciando a oração. Neste sentido, a tendência observada comprova a importância entre periferia esquerda da oração e subjetivação, como

propõe Traugott (2012). Segundo a autora (TRAUGOTT, 2012, p. 8): “expressões na periferia esquerda são mais suscetíveis a serem subjetivas”.³² O que corrobora nossos resultados, visto que a função com maior ocorrência da locução “de repente” foi como modalizador epistêmico, valor mais subjetivo, que carrega o ponto de vista do falante sobre o estado de coisas descrito.

4.5 Elementos intervenientes entre a locução e o predicado

“De repente” pode ocorrer adjacente/justaposto/na proximidade da predicação com que se relaciona ou um pouco mais distanciado, pela inserção de elementos de extensão variada entre ele e o predicado.

Os exemplos expostos a seguir, mostram a inserção desses elementos dentro da oração:

(74) “Olha eu tenho contato agora com a escola, qué dizê, agora eu saí dessa área de educação cedo, eu acho que esse processo começou a enfraquecê quando várias escolas tiveram o direito de formá professores, eu antes lembro que a gente tinha um ensino ultra rigoroso, ultra aprimorado né? e **de repente** por interesses políticos vários colégios começaram a tê direito a formá professores e acho que começou a ficá ruim a partir daí...” (Amostra Censo 2000 - T32 – mulher, faixa etária 4, ensino médio)

(75) “...sempre ele vai...no ano passado ele...ele chegou pra mim e falou bem assim “não vai dar pra mim ir”... aí eu fiquei toda triste, aí **de repente** eu tô conversando com meu pai assim... ele chega atrás de mim...” (Amostra PortVix - CÉL11 – mulher, faixa etária 2, ensino

³² “...expressions at left periphery are likely to be subjective.” (TRAUGOTT, 2012, p. 8)

fundamental)

Os elementos intervenientes podem ser de natureza diferente, indo de elementos mais curtos até uma oração. No exemplo (77) “de repente” incide sobre o verbo “começar” e seus componentes, mas fica distanciada dele, pela inserção do sintagma preposicional (“por interesses políticos”). Da mesma forma, em (78) “de repente” incide sobre “ele chega” e entre eles se insere uma oração (“eu tô conversando com meu pai assim”). Esses casos ocorrem, pois na interação entre falante/ouvinte, um discurso menos planejado, o locutor procura ser mais claro e com isso insere explicações entre os constituintes da oração, para melhor entendimento por parte do destinatário.

Os elementos intervenientes localizam-se entre o “de repente” e o termo sobre o qual ele incide. Nas amostras foram encontradas poucas ocorrências, como indicado nas tabelas abaixo:

Tabela 10: Ocorrência de elementos intervenientes de acordo com a função da locução “de repente” - Amostra PortVix – Vitória.

Função semântica	Elementos Intervenientes – Amostra PortVix	
	Presença	Ausência
Advérbio de tempo	3/14	11/14
	21.4%	78.5%
Advérbio de modo	1/8	7/8
	12.5%	87,5%
Modalizador	7/23	16/23
	30.4%	69.5%
Marcador	-	1/1
	-	100%
Ambíguo 1 (tempo-modo)	-	5/5
	-	100%
Ambíguo 2 (tempo-modalizador)	-	6/6
	-	100%
TOTAL	11/57	46/57
	19.3%	80.7%

Tabela 11: Ocorrência de elementos intervenientes de acordo com a função da locução “de repente” – Amostra Censo 2000 – RJ.

Função semântica	Elementos Intervenientes – Amostra Censo
------------------	--

	Presença	Ausência
Advérbio de tempo	-	11/11
	-	100%
Advérbio de modo	-	-
	-	-
Modalizador	7/51	44/51
	13.7%	86.2%
Marcador	-	1/1
	-	100%
Ambíguo 1 (tempo-modo)	-	8/8
	-	100%
Ambíguo 2 (tempo-modalizador)	1/11	10/11
	9%	90.9%
TOTAL	8/82	74/82
	9.8%	90.2%

A inserção desses elementos entre a locução e o verbo com que ele se relaciona ocorreu mais nos casos de modalizador epistêmico, apesar de os dados serem escassos mesmo com este valor: dos 11 casos de elementos intervenientes na Amostra PortVix, em 7 o “de repente” exerce função de modalizador epistêmico e na Amostra Censo 2000, de 8 casos, 7 eram de “de repente” modalizador. O que poderia ser explicado pelo fato de o falante inserir o seu ponto de vista no discurso e, por este motivo, haver mais explicações acerca do fato descrito.

4.6 Ocorrências de marcas de modalização

Uma hipótese que orientou esta análise é a de que a presença de elementos de modalização na oração, principalmente no domínio epistêmico, favoreceria a interpretação de “de repente” como modalizador. A explicação para isso estaria na possibilidade de que “de repente” se torna um sinalizador de modalidade epistêmica em contextos bem específicos, principalmente naqueles que já são marcados por alto grau de subjetividade. Isto significaria, portanto, que mudança semântica opera por metonímia.

Os exemplos a seguir ilustram a coocorrência de “de repente” com outros

elementos de modalização.

(76) “Acho que ele num tá querendo só sê amigo dela não, ele tá querendo outras coisas também, mas só que ele vai descobrí, e ela tá grávida, imagina? Se ele descobre que ela tá grávida, vai pensá que o filho não é dele, se de repente ela falá pra ele que o filho é dele, ele não vai acreditá, por causa desse cara, desse fotógrafo, vai pensá que o filho é do fotógrafo, não dele.” (Amostra Censo 2000 - T17 – mulher, faixa etária 3, ensino fundamental)

(77) “Bom, como eu ainda não comecei a estudar, ainda não tive um contato com o mundo lá da universidade, eu ainda não sei direito o que responder, mas o que eu acho é que isso aí vai de cada um, **de repente** a universidade não dá uma inclinação para a parte intelectual, mas nada impede que a pessoa busque isso.” (Amostra Censo 2000 - T13 – homem, faixa etária 2, ensino médio)

(78) “Não, eu, eu entro com medo, que eu tenho medo de, de, assim, de entrar na água e ter alguma coisa, porque, **de repente**, pode ter alguma coisa...” (Amostra PortVix - CÉL15 – mulher, faixa etária 3, ensino fundamental)

Em (74), um caso de ambiguidade, observa-se a presença da forma verbal “acho” e do conector condicional “se” dentro da sentença. Tal exemplo permite-nos dizer que, os casos intermediários de mudança de “de repente” já ocorrem em contextos onde uma interpretação como modalizador seria admissível por influência das pistas fornecidas por outros elementos modais presentes na oração.

Nos exemplos (75) e (76), formas como “não sei”; “acho”; “pode”, agora inseridas nas sentenças em que “de repente” se encontra, colaboram fortemente para criar um contexto mais subjetivo, em que o falante explicita sua posição acerca dos estados de coisas que estão sendo descritos. Há,

então, uma forte conjugação de vários índices que favorecem uma interpretação de “de repente” como modalizador epistêmico. Poderíamos dizer, então, que “de repente” incorpora metonimicamente traços do contexto. A metonímia é um processo de mudança que ocorre por contiguidade, ocorre em sequências que estão sempre juntas, são constituintes que podem ser reanalisados, reinterpretados (HOPPER, 1991). Dessa forma, alguns usos de “de repente” podem ter sido influenciados pelo contexto.

Como já dissemos, como modalizador, “de repente” atua como uma estratégia do falante para diminuir o grau de comprometimento com a proposição ou seja, permitindo ao falante se resguardar de possíveis contra-argumentos por parte do interlocutor. As tabelas a seguir mostram a distribuição de “de repente” de acordo com a presença ou ausência de elementos modalizadores na oração.

Tabela 12: Presença ou ausência de elementos modais de acordo com a função/valor semântico - Amostra PortVix – Vitória.

Função semântica	Elementos Modalizadores – Amostra PortVix	
	Presença	Ausência
Advérbio de tempo	-	14/14
	-	100%
Advérbio de modo	1/8	7/8
	12.5%	87.5%
Modalizador	16/23	7/23
	69.5%	30.4%
Marcador	-	1/1
	-	100%
Ambíguo 1 (tempo-modo)	-	5/5
	-	100%
Ambíguo 2 (tempo-modalizador)	3/6	3/6
	50%	50%
TOTAL	20/57	37/57
	35.1%	64.9%

Tabela 13: Presença ou ausência de elementos modais de acordo com a função/valor semântico - Amostra Censo 2000-RJ.

Função semântica	Elementos Modalizadores – Amostra Censo	
	Presença	Ausência
Advérbio de tempo	1/11	10/11

	9.1%	90.9%
Advérbio de modo	-	-
	-	-
Modalizador	30/51	21/51
	58.8%	41.1%
Marcador	-	1/1
	-	100%
Ambíguo 1 (tempo-modo)	1/8	7/8
	12.5%	87.5%
Ambíguo 2 (tempo-modalizador)	2/11	9/11
	18.1%	81.8%
TOTAL	35/82	47/82
	42.7%	57.3%

Como indicado nas tabelas acima, a presença de outros elementos modalizadores na oração é muito mais recorrente nos dados em que a locução “de repente” funciona como um modalizador epistêmico, sendo 69,5% das ocorrências da Amostra PortVix e 58,8% na Amostra Censo 2000. Quando a locução aparece exercendo as outras funções, a maior parte das ocorrências são de ausência de elementos modalizadores.

4.7 Faixa etária do falante

Pelo que vimos na seção anterior, há indicações de um aumento do uso de “de repente” como modalizador, levando a suspeitar de uma mudança em curso tanto na modalidade falada de Vitória como na do Rio de Janeiro. Uma hipótese que buscamos verificar seria a de que o valor mais gramaticalizado da locução estaria localizado na faixa etária mais jovem da população, ou seja, evidências do tempo aparente. Os resultados da tabela 14 mostram algumas evidências favoráveis a esta hipótese. Podemos observar que a locução “de repente” na cidade de Vitória com função de modalizador epistêmico predomina na faixa etária de 15 a 25 anos, com 78,2% das ocorrências. Já “de repente” com função temporal, aparece distribuída de forma semelhante nas diferentes faixas etárias em que ocorre.

Tabela 14: Distribuição das ocorrências de “de repente” por função de acordo com faixa etária- Amostra PortVix – Vitória.

Função semântica	Faixa etária – Amostra PortVix			
	7-14	15-25	26-49	50+
Advérbio de tempo	-	5/14	6/14	3/14
	-	35.7%	42.8%	21.4%
Advérbio de modo	2/8	-	3/8	3/8
	25%	-	37.5%	37.5%
Modalizador	1/23	18/23	2/23	2/23
	4.3%	78.2%	8.6%	8.6%
Marcador	1/1	-	-	-
	100%	-	-	-
Ambíguo 1 (tempo- modo)	2/5	-	-	3/5
	40%	-	-	60%
Ambíguo 2 (tempo- modalizador)	-	3/6	1/6	2/6
	-	50%	16.6%	33.3%
TOTAL	4/57	28/57	12/57	13/57
	7%	49.1%	21.1%	22.8%

Apesar de a Amostra PortVix ter comprovado a nossa hipótese, com maior recorrência do uso modalizador na faixa de 15 a 25 anos, os resultados da Amostra Censo 2000 levam a conclusões diferentes, como podemos perceber na Tabela 3. O uso da locução “de repente” como modalizador epistêmico, que foi o valor semântico de maior recorrência nesta amostra, ocorreu mais na faixa etária de 26 a 49 anos e distribuiu-se de forma semelhante pelas outras duas faixas etárias em que há a ocorrência da locução.

Tabela 15: Distribuição das ocorrências de “de repente” por função de acordo com faixa etária- Amostra Censo 2000 – RJ.

Função semântica	Faixa etária – Amostra Censo			
	7-14	15-25	26-49	50+
Advérbio de tempo	-	5/11	4/11	2/11
	-	45.4%	36.3%	18.1
Advérbio de modo	-	-	-	-
	-	-	-	-
Modalizador	-	14/51	28/51	9/51
	-	27.4%	54.9%	17.6%
Marcador	-	1/1	-	-
	-	100%	-	-
Ambíguo 1 (tempo- modo)	-	6/8	-	2/8
	-	75%	-	25%
Ambíguo 2 (tempo-	-	1/11	8/11	2/11

modalizador)	-	9%	72.2%	18.1%
TOTAL	-	26/82	41/82	15/82
	-	31.7%	50%	18.3%

Apesar de não comprovar a nossa hipótese, os resultados da tabela 15 não chegam a contradizê-la inteiramente, uma vez que o uso de modalizador epistêmico é predominante na faixa de 26 a 49 anos. No entanto, é provável que outros fatores interfiram nos resultados para a Amostra Censo 2000. Um destes fatores, pode ser as muitas ocorrências de dados de “de repente” em um único indivíduo. Foram encontrados dois falantes na Amostra Censo 2000 que utilizaram a locução “de repente” 14 e 21 vezes, respectivamente, os dois do sexo masculino e incluídos na faixa etária 3 de 26 a 49 anos, Como podemos perceber na tabela 15, as maiores ocorrências de modalizador ocorreram na faixa etária desses falantes.

4.8 Gênero

Analisamos a variável gênero a fim de investigar se o uso mais inovador de “de repente”, ou seja, como modalizador epistêmico, seria mais recorrente no falar masculino e a linguagem mais conservadora, que seria o uso mais antigo do “de repente”, como advérbio de tempo, seria proeminente no falar feminino. Os resultados aparecem da tabela a seguir:

Tabela 16: Os usos da locução “de repente” em função do gênero – Amostra PortVix – Vitória.

Função semântica	Gênero – Amostra PortVix	
	Homem	Mulher
Advérbio de tempo	4/14	10/14
	28.5%	71.4%
Advérbio de modo	-	8/8
	-	100%
Modalizador	15/23	8/23
	65.2%	34.7%
Marcador	1/1	-
	100%	-
Ambíguo 1 (tempo-	4/5	1/5

modo)	80%	20%
Ambíguo 2 (tempo-modalizador)	4/6	2/6
	66.6%	33.3%
TOTAL	25/57	32/57
	43.8%	56.1%

Tabela 17: Os usos da locução “de repente” em função do gênero – Amostra Censo 2000 – RJ.

Função semântica	Gênero – Amostra Censo	
	Homem	Mulher
Advérbio de tempo	3/11	8/11
	27.2%	72.7%
Advérbio de modo	-	-
	-	-
Modalizador	35/51	16/51
	68.6%	31.3%
Marcador	1/1	-
	100%	-
Ambíguo 1 (tempo-modo)	2/8	6/8
	25%	75%
Ambíguo 2 (tempo-modalizador)	9/11	2/11
	81.8%	18.1%
TOTAL	50/82	32/82
	61%	39%

Como podemos ver nas tabelas 16 e 17, os resultados confirmam a hipótese apresentada anteriormente em ambas as amostras. Na Amostra PortVix, temos 28,5% das ocorrências da locução como advérbio de tempo no falar masculino, enquanto no falar feminino 71,4% e na Amostra Censo 2000, as mulheres representaram 72,7% dos casos de advérbio de tempo e os homens, 27,2%. No caso do uso de “de repente” como modalizador epistêmico já encontramos o resultado contrário, as mulheres usaram 31,7% dessa função e os homens 65,2%, em Vitória. No Rio de Janeiro não houve muita distinção, sendo o uso de modalizador entre os homens de 68,6% e entre as mulheres de 31,3%. Tais resultados corroboram resultados de estudos anteriores (CHAMBERS, 1995; LABOV, 2001, 2008[1972]) quanto à maior tendência dos homens a utilizarem uma forma inovadora da língua, enquanto as mulheres mantêm, em sua linguagem, as formas

conservadoras. Apesar de o fenômeno aqui estudado não ser uma variável estigmatizada, a relação com a tendência das mulheres às formas de prestígio e os resultados obtidos neste estudo pode estar atribuída a um caráter conservador, já que as mulheres desfavoreceram a variante inovadora.

Pelo que vimos até aqui, podemos entender que a locução “de repente” apresenta diferentes usos, além de advérbio de tempo e modo, já previstos em gramáticas e dicionários do português. Além disto, pudemos identificar algumas das propriedades mais estreitamente associadas a cada um desses usos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste estudo foi o de realizar uma análise em tempo aparente da locução “de repente” na modalidade falada de duas capitais brasileiras. Na realização desta pesquisa, fundamentamo-nos nos modelos baseados no uso, que associam a língua ao seu contexto de uso, e nos estudos da gramaticalização, a fim de tentar identificar os caminhos da mudança linguística sofridos por essa locução. Neste ponto, resumimos os resultados alcançados na pesquisa e retomamos os pontos mais relevantes que nos permitem considerar que a polissemia da locução “de repente” pode ser interpretada como uma trajetória de gramaticalização.

Na análise foram identificadas quatro funções para a locução “de repente”: advérbio de tempo; advérbio de modo; modalizador epistêmico e marcador discursivo. Além disto, foram identificados vários casos ambíguos que, a nosso ver, constituem os mais interessantes pelas pistas que fornecem sobre o processo de gramaticalização da locução “de repente”.

A distribuição destas funções nas duas amostras analisadas forneceu evidências favoráveis à hipótese de que “de repente” está em processo de gramaticalização, uma vez que as funções assumidas pela locução seguem um *continuum*, uma gradação de abstratização, ou de subativização no sentido de [- subjetivo] para [+ subjetivo}. Podemos dizer que no uso desta locução observa-se uma trajetória de um significado mais concreto, valor temporal, para valores mais abstratos, como o de modalizador epistêmico, de acordo com a trajetória mais frequentemente observada em fenômenos de gramaticalização.

Em relação à função assumida por “de repente” nas amostras, no Rio de Janeiro, o valor de modalizador epistêmico foi marcante em detrimento das outras funções. Já em Vitória, a frequência da função de modalizador epistêmico se aproxima da associada ao valor original de tempo. Há

indicações, portanto, de que se trata de uma mudança mais avançada na cidade do Rio de Janeiro que na cidade de Vitória.

Sendo o uso de “de repente” como modalizador, mais inovador, o mais frequente em ambas as amostras, podemos inferir que o desenvolvimento de “de repente” se enquadra como um processo de gramaticalização. Na sua função de modalizador epistêmico, “de repente” constitui uma estratégia através da qual o falante se distancia do enunciado proferido, evitando se comprometer com a verdade da proposição. No plano interacional, este uso pode ser considerado uma forma de atenuação, através da qual busca preservar a face do interlocutor. É, portanto, um uso que se explica tanto em termos de subjetivização como de intersubjetivização, na medida em que volta sua atenção ao destinatário.

Os diferentes usos da locução “de repente” foram analisados tanto sob a perspectiva de fatores linguísticos como sociais. Os fatores linguísticos analisados foram: a função semântica assumida pela locução nos diferentes contextos; os tipos de processos codificados na oração; o tempo e modo da forma verbal a que a locução estaria associada na sentença; a posição de “de repente” na oração; os elementos intervenientes entre a locução e o predicado e a ocorrência de marcas de modalização. Os fatores sociais analisados foram a faixa etária e o gênero do falante.

Entre os fatores que analisamos, dois apresentaram resultados mais relevantes: a questão da posição da locução na sentença e a coocorrência da locução “de repente” com outros elementos de modalização na oração. Quanto ao primeiro, a análise permitiu mostrar que a posição da locução iniciando a sentença é a mais recorrente em ambas as amostras, correspondendo à 82,5% do total da Amostra PortVix e a 85,4% do total da Amostra Censo 2000, o que representa a locução incidindo sobre toda a oração, comprovando a relação entre periferia esquerda da oração e subjetivização (TRAUGOTT, 2012), tais resultados ratificam a preferência no uso de “de repente” na periferia esquerda da oração, já atestada por Pontes

e Peterson (2009) e Siqueira (2014). Quanto ao segundo, foi possível verificar que o valor de modalizador epistêmico é mais recorrente em contextos nos quais outros elementos de modalização estão presentes. Na Amostra PortVix ocorreram 16, num total de 23 casos, com presença de marcas de modalização e na Amostra Censo 2000 foram 30 ocorrências com a presença de modalizadores num total de 51 dados, o que nos permitiu concluir que a mudança observada na locução opera por metonímia, ou seja, por pressão de elementos do contexto em que ela se situa.

No entanto, outros fatores devem ser considerados para compreender melhor a conjugação de propriedades associadas a cada uma das funções da locução “de repente”. Os resultados para os tipos de processos codificados na oração apontaram uma quantidade significativa de “de repente” com valor de modalizador epistêmico associada a orações com processos mentais-, fator que podemos vincular ao achado de Siqueira (2014) com relação a sua análise sobre as sequências tipológicas a que o “de repente” está associado, visto que a autora relaciona as sequências argumentativas ao valor de “de repente” como modalizador epistêmico, considerando-as como facilitadoras de tal uso, uma vez que o falante expressa o seu ponto de vista e as suas experiências internas. Tal resultado pode ser associado à conclusão que chegamos acerca dos tipos de processos mentais, que são favorecedores da mesma função exercida pela locução, os quais representam o ponto de vista do falante sobre o fato descrito, uma vez que está ligado às suas emoções internas, exprimindo suas crenças e atitudes. Em relação ao tempo e modo verbal das orações em que “de repente” estaria inserido, percebemos a associação da forma do pretérito perfeito com a função temporal da locução e a função de modalizador epistêmico associada com o presente do indicativo. Pontes e Peterson (2009) encontraram mais casos de “de repente” associados ao presente do indicativo e alguns casos significativos do valor de modalizador epistêmico ligado ao modo subjuntivo, o que pode verificar-se a partir do estudo de amostras também da língua escrita. A análise permitiu mostrar que a presença de elementos intervenientes entre o “de repente” e o predicado

ocorreram em maior quantidade nos casos de modalizador epistêmico, o que pode caracterizar que o “de repente” com valor de modalizador epistêmico se inseria nos trechos em que o falante descrevia algum fato e para tal procurava dar mais explicações para se fazer entender.

Dos fatores sociais analisados, comprovamos as hipóteses sobre a faixa etária e o gênero do falante. A hipótese em relação à faixa etária é de grande importância para apontar a mudança em tempo aparente da locução “de repente”. Nossos resultados comprovaram a hipótese na Amostra PortVix, que apresentou 78,2% de ocorrências de modalizador epistêmico na faixa etária 2, de 15 a 25 anos, o que representa a utilização da forma inovadora pelos mais jovens. Não foi possível comprovar essa hipótese na Amostra Censo 2000, o que associamos à grande ocorrência de “de repente” em um único indivíduo. A hipótese relacionada ao gênero do falante pressupunha que as mulheres preservariam as escolhas conservadoras, mantendo o uso do “de repente” como advérbio de tempo e modo, enquanto os homens assumiriam o uso de modalizador epistêmico, considerado inovador. Nossos resultados comprovaram essa hipótese, visto que a preferência da função da locução ocorreu de forma diferente entre homens e mulheres, sendo que 71,4% das ocorrências da locução com função de tempo foi realizada na fala de mulheres, enquanto 28,5% foram homens, na Amostra PortVix. Na Amostra Censo 2000 o valor temporal ocorreu em 72,7% das ocorrências em falas femininas e 27,2% na masculina. Já a função de modalizador epistêmico ocorreu principalmente na fala dos homens, sendo 65,2% na Amostra PortVix e 68,6% na Amostra Censo 2000, enquanto as mulheres utilizaram a locução com função modal em 34,7% das ocorrências de Vitória e 31,3% do Rio de Janeiro.

Um aspecto importante a destacar foi a predominância de ocorrências de “de repente” efetuadas por um único indivíduo o que, sem dúvida, coloca problemas para uma generalização para a comunidade. Num estudo mais aprofundado sobre a gramaticalização de “de repente” requeria, provavelmente, outro tipo de dado que possa considerar, dentre outros

aspectos, as redes sociais em que os falantes interagem.

O estudo de “de repente” permitiu um maior conhecimento acerca dos processos de gramaticalização e vista a complexidade deste estudo, sugerimos estudos futuros mais aprofundados acerca do uso da locução “de repente”, uma vez que é utilizada de várias formas, com várias funções semânticas.

É importante que se dê continuidade a esse estudo, que retratam o processo de gramaticalização de um fenômeno linguístico percebido de forma bastante clara na análise de amostras de fala. Seria importante aprimorar os estudos, seguindo com um detalhamento dos fatores que atuam sobre esse fenômeno, buscando outras amostras de fala, a fim de identificar a extensão do processo de mudança da locução “de repente” em várias regiões do Brasil. Além de investigar novas amostras, seria interessante fazer a análise de mudança em tempo real da locução, comparando a Amostra Censo 1980 e a Amostra Censo 2000.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2012.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

BARROS, Elzimar de Castro Monteiro de. **Construções modais com ter: gramaticalização e variação**. 2012. Tese de doutorado em Linguística – UFRJ, 2012.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário de Usos do Português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2001.

BUTLER, Christopher. Functionalist approaches to language. In: _____. **Structure and Function: A Guide to Three Major Structural-Functional Theories**. v.63. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003. cap. 1, p. 1- 28.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CALIMAN, Orlando. Formação econômica do Espírito Santo: de fragmentos do período colonial à busca de um projeto de desenvolvimento. **Revista RIGS**, Bahia, v.1, n.2, p.37-63, 2012.

CARVALHO, José Augurto. **Gramática superior da língua portuguesa**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua**

Portuguesa. São Paulo: Editora Nacional, 1995.

CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (orgs.) **Linguística centrada no uso:** uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2013.

CHAMBERS, Jack. **Sociolinguistic Theory:** linguistic variation and its social significance. Oxford: Blackwell, 1995.

COATES, Jennifer. **The semantics of the modal auxiliaries.** London and Canberra: Croom Helm, 1983.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** 5.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Lexycon, 2010.

CROFT, William. Autonomy and functionalist linguistics. **Language**, v. 71, n. 3, 1995.

_____. **Explaining language change:** an evolutionary approach. London: Longman linguistics library, 2000.

DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

DICIONÁRIO BARSÁ DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Barsa Planeta Internacional, 1981. 2v.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa dicionário. 7.ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de.; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (orgs.). **Linguística funcional:** teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A/ Faperj, 2003.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et al. Tratado geral sobre

gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Org.). **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007

GÖRSKI, Edair; TAVARES, Maria Alice. Bases teórico-metodológicas para uma interface sociofuncionalista. **Revista do GELNE**, Natal, 2012.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Hodder Arnold, 2004.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd. (eds.) **Approaches to Grammaticalization**, v. 1. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 17-35.

FINEGAN, Edward. Subjectivity and Subjectivisation: an introduction. In: STEIN, Dieter; WRIGHT, Susan. **Subjectivity and subjectification**. New York: Cambridge University Press, 1995. p.1-16

HAUY, Amini Boainain. **Gramática da Língua Portuguesa Padrão**. São Paulo: EDUSP, 2013.

HENGEVELD, Kees. Illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish. In: **Journal of Semantics**, v. 6, 1988. p. 227-269.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization**, Cambridge. Textbooks in Linguistics, Cambridge University Press, 2003.

IWAMOTO, Noriko. **Modality and point of view in media discourse**. The human studies. Kanagawa University, 2007, p. 173-200.

KEMMER, Suzanne; BARLOW, MICHAEL. **Introduction: a usage-based conception of language**. Stanford, CSLI Publications, 1999.

KURYLOWICZ, Jerzy. **The evolution of grammatical categories**. Diogenes 51. 1965, p. 55-71. Disponível em: <<http://dio.sagepub.com/content/13/51/55.citation>> Acesso em: 19 dez. 2014.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

_____. **Principles of linguistic change: internal factors**. Cambridge: Blackwell, 1994. v. 1.

LYONS, John. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v. 2.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing sociolinguistics**. London/New York: Routledge, 2006.

MIRA MATEUS, Maria Helena, et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: _____; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.01-08.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980[1972].

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. A modalidade. In: KOCK, Ingedore Villaça (org.). **Gramática do português falado**. 2. ed. v. 6. São Paulo: Unicamp/FAPESP, 2002. p. 163-195.

PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 13-29.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.28-56.

PAIVA, Maria da Conceição de. **Tópicos em estudos analítico-descritivos da linguagem**. Vitória: UFES, 2015. Notas de aula da disciplina.

PAIVA, Maria da Conceição de. Mudança em tempo real e em tempo aparente. In: MOLLICA, Maria Cecília; JUNIOR, Celso Ferrarezi (orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

PASQUALE, Cipro Neto; INFANTE, Ulisses. Gramática da Língua Portuguesa. São Paulo: Scipione, 2008.

PHILLIPS, Betty. **The mental lexicon: evidence from lexical diffusion**. In: Brain and language, 1999. p. 104-109.

SAID ALI, Manoel. **Gramática secundária e Gramática histórica da língua portuguesa**. 3^o edição. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1964.

Santos, António Nogueira, **Novos Dicionários de expressões idiomáticas**. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1990.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X - A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. **Industrialização e empobrecimento urbano: o caso da Grande Vitória, 1950-1980**. Vitória: EDUFES, 2001.

SIQUEIRA, Sirley Ribeiro. **Usos da expressão de repente: trajetória e funcionalidade**. Tese de doutorado (Doutorado em Estudos da Linguagem) –

Programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem. Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SOUZA, Medianeira et al (orgs.). **Sintaxe em foco**. Recife: PPGL/UFPE, 2012.

TAVARES, Maria Alice. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. **ABRALIN**, Itabaiana, 2013.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, Dieter; WRIGHT, Susan. **Subjectivity and subjectification**. New York: Cambridge University Press, 1995. p.31-55.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. From subjectivization to intersubjectivization. In: HICKEY, Raimond (ed.). **Motives for language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 124-142.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. (Inter)subjectivity and (inter) subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, Kristin et alii (org), **Subjectification, intersubjectification and grammaticalisation**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2010, p. 29-74.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Intersubjectification and left periphery**. John Benjamins Publishing Company, 2012. p. 7-28

TURELL, Maria Teresa. **Apparent and real time in studies of linguistic change and variation**, 2013

VITRAL, Lorenzo; VIEGAS, Maria do Carmo; OLIVEIRA, Alan Jardel. Inovação versus mudança: a interseção gramaticalização/ teoria da variação e mudança. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli (orgs.). **Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p.201-229.

VON FINTEL, KAI. Modality and Language. In: BORCHERT, Donald M. (ed.). **Encyclopedia of Philosophy**. 2.ed. Detroit: MacMillan Reference USA. 2006.

YACOVENCO, Lilian Coutinho, SCHERRE, Maria Marta Pereira, TESCH, Leila Maria, BRAGANÇA, Marcela Langa L, EVANGELISTA, Elaine Meireles, MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de, CALMON, Elba Nusa, CAMPOS JÚNIOR, Heitor da Silva, BARBOSA, Astrid Franco, BASÍLIO, Jucilene Oliveira Sousa, DEOCLÉCIO, Carlos Eduardo, SILVA, Janaína Biancardi da, BERBERT; Aline Tomaz Fonseca, BENFICA, Samine de Almeida. Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena. **Alfa**: Revista de Linguística (UNESP. Online). , v.56, p.771 - 806, 2012.